DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

# AURÉLIA

TODOS DIREITOS RESERVADOS

# COLEÇÃO ROSAS DE LEITURA

ANGELINA (1886)

AURÉLIA (1884)

CELESTE (1893)

DUAS IRMÃS (1884)

ESTÁTUA DE NEVE (1890)

ESTELA (1882)

ESTRELAS CADENTES (1882)

LÉSBIA (1890)

MADALENA (1879)

UMA VÍTIMA (1883)

CONTOS BREVES (1880-1895)

DÉLIA

(MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)

# AURÉLIA

1884

INTRODUÇÃO, ATUALIZAÇÃO DO TEXTO E NOTAS DE

NORMA TELLES

2009

# Índice

INTRODUÇÃO....1
Referências....8
Prólogo....10
I....10
II....13
III....18
1ª Parte....21
I....21
II....30
III....34
IV....37
V....39
VI....44
VII....45
VIII....50

IX ..... 58
X ..... 64
XI ..... 68
XII ..... 70
XIII ..... 78
XIV ..... 85
XV ..... 91
2ª Parte ..... 97
I ..... 97
II ..... 103
III ..... 106
IV ..... 110
V ..... 118
VI ..... 122
VII ..... 129
VIII ..... 134
IX ..... 140
X ..... 146
XI ..... 152

# INTRODUÇÃO

Aurélia, que em latim significa dourada, era nome dado às mulheres da *gens Aurelia*, em tempos antigos. Uma Aurélia desse clã que se tornou famosa foi a mãe de Julio Cesar considerada o ideal de matrona romana; ela era respeitada por ser muito inteligente, independente, bela e dona de bom senso. Muito mais próxima de Délia, a escritora brasileira Oitocentista, uma personagem de ficção recebeu também este nome, Aurélia, a *Senhora*, de José de Alencar, no livro de 1875. Nele a jovem é preterida pelo amado por ser pobre, herda depois uma fortuna e vinga-se do rapaz fazendo que se case com ela através de um acordo financeiro e desconhecendo a identidade da noiva. No final, o amor dos dois vence as dificuldades.

O conflito entre amor e dinheiro, ambições e ética moral é também o núcleo da *Aurélia* de Délia, que explora, além disso, os conflitos entre os desníveis sociais, a vontade de ascensão, o amor e segredos bem guardados. O tempo que medeia entre um romance e outro, entre Alencar e Délia, é também o que vai do romantismo até os enredos realistas da ultimas décadas do século XIX, quando outras estéticas, a realista e a naturalista, se impunham.

A *Aurélia* de Délia, que saiu como folhetim de pé de página da *Gazeta da Tarde*, em 1883, de onde reproduzo a atual transcrição, percorre caminhos divergentes da personagem de Alencar. A partir

de outra perspectiva, uma perspectiva feminina, mais desencantada, onde o casamento em geral destrói a felicidade das mulheres, a escritora busca condições para que um casal possa obter uma felicidade duradoura. A personagem central deste romance tem inteligência e beleza como a outra brasileira, mas também uma independência e bom senso que a aproxima do retrato da antiga matrona romana.

A narrativa é dividida em partes cada qual contando a vida de uma das personagens, e como elas se cruzam, e precedida por um Prólogo que constitui outra trama dentro do enredo, um pano de fundo ao romance. Nele fica-se sabendo que Aurélia crescera amada pela família que não era rica, mas vivia bem meio a sociedade do Rio de Janeiro, no século XIX. A moça muito bela, mas ingênua, aos quinze anos se apaixona e se entrega ao desejo. Porém o amado, ao sabê-la grávida, abandonou-a a própria sorte. Desesperada, sem saber o que fazer, pede ajuda à mãe que meio a grandes tormentos e lágrimas logo percebe que deve fazer algo pela filha. Resolve e trama: "seu filho será meu filho" diz a mãe da jovem Aurélia; partiremos as duas a um pretexto qualquer, continua a mãe, e na volta eu trarei a criança como meu filho, seu irmão. Assim decidem, assim fazem; passam cinco meses em Minas e retornam ao Rio com um menino que será a alegria da casa. Esse núcleo romanesco, da mãe assumir como seu o filho ilegítimo de uma filha, ainda hoje é empregado em folhetins televisivos ou outras narrativas e às vezes ainda se escuta contar que teria ocorrido na vida de algum conhecido.

A proximidade e cumplicidade mãe-filha objetiva possibilitar que a jovem e seu rebento convivam na sociedade patriarcal rígida quanto ao controle da geração de filhos. Uma jovem de então era

educada para a repressão, reprimir desejos, ambições, comportamentos inadequados. O curso de sua vida era dividido pelo casamento; antes dele podia ser teimosa, mimada, mas ao casar deveria mudar, se adaptar, e nunca questionar a estrutura conjugal. Destinada ao casamento, a moça deveria se manter casta, como a personagem de Alencar que mesmo depois de casada assim se conserva, até quase a penúltima linha do livro. Cabia às mães zelarem para que as coisas assim se passassem, de modo que a falta da moça seria também uma nódoa na reputação da mãe.

Aurélia então salva as aparências graças a intervenção da mãe que toma para si a prole ilegítima, legitimando a criança ao colocá-la como fruto tardio de seu próprio casamento. O decoro, a repressão dos comportamentos, tinha também outro lado, o do logro, artifício, então nada de extraordinário nessas resoluções da questão. Lembram Gilbert e Gubar que falar de falta moral não faz sentido porque a moralidade só pode se revelar quando existem escolhas significativas, o que de modo algum era o caso para as mulheres naquele tipo de sociedade.

No romance, as duas, mãe e filha, não revelam o segredo a ninguém, nem mesmo ao pai de Aurélia. Porém, para a mãe esses acontecimentos foram muito desgastantes e logo depois ela morre. Ela se torna uma santa, uma mártir da família e da boa imagem da filha, à custa de abrir mão de si mesma, de sua vida e seu conforto. O 'ideal de pureza contemplativa' daquela sociedade evocava tanto o céu quando a sepultura. A contrapartida ao anjo celestial levado pela morte, a filha/monstro em sintonia absoluta com a mãe, 'mata-se' para a vida, abre mão de seus desejos, constrói para si uma máscara que impede uma vida comum.

A partir de então, Aurélia decide como conduzir sua vida. A narradora nos informa que a jovem vestiu a máscara de Esfinge com a qual se apresentava em sociedade e moldava seu viver. Aurélia guardava um segredo e este poderia ser mortal. Ora, a Esfinge era uma das encarnações – como Medusa, Circe, Dalila ou Salomé – do monstro feminino, o outro lado do anjo do lar que não tem vida própria e morria pelos seus, como a mãe de Aurélia. Tendo transgredido todas as regras de boa conduta, a jovem é um monstro e mais ainda porque acarreta a morte da mãe. Por isso abre mão também de seus desejos e impassível representa no mundo ser uma mulher bonita, inteligente, de bom senso, mas inacessível e misteriosa.

Na literatura escrita por homens no século XIX, para cada imagem do anjo do lar há sempre a contrapartida, a imagem negativa daquela que age por sua conta, não pelas regras, que como Aurélia aceita e reconhece o desejo, é assertiva, enfim, faz coisas que tornavam a vida dos homens significativas, mas que eram interditas às mulheres da época. Alain Corbin lembra que os artistas da segunda metade do Oitocentos deram ênfase ao enigma da feminilidade ao mesmo tempo marmórea e bestial, 'a mulher esfinge', olhos iluminados por brilho feroz, modelo de devoradora inquietante que romancistas como Zola fizeram aparecer até nos ambientes populares do subúrbio.

Aurélia não é rotulada Esfinge pela sociedade ou pelos homens que a rodeiam, apesar da aura de mistério que a envolve. Ela é Esfinge por vontade própria, escolheu viver essa ambivalência, aparência de belo anjo e demônio intrigante ao impor aos seus apaixonados, sem jamais formular a questão: decifra-me. Com a inversão da colocação, a jovem não é somente um monstro

devorador, o Outro do homem, como escreveu Simone de Beauvoir, não representa apenas a vida que existe para ser destruída. Ela impõe seu itinerário, seu enigma e a decifração como possibilidade de um encontro entre iguais.

Aurélia conhece um rapaz, que recebe o sugestivo nome de Salvador, e vai se apaixonar por ele. Ela começa a se encantar não porque ele é belo e culto, mas porque pressente que em certo sentido é seu igual. A partir daí vai colecionando sinais que o aproximam dela; percebe que ele será capaz de ler sua alma, entender sua trama. E embora ele demore a atinar com o segredo, acaba por intuir, depois decifrar o enigma, e assim eles podem se casar e continuar felizes até o final do romance, anos e anos mais tarde. A noite de núpcias é descrita, através de um recurso literário, o relato de um sonho. "Tiveram ambos o mesmo sonho: viam-se belos, amantes, felizes, reclinados em coxins macios [...] vagando em azuladas águas, semeadas de boninas" descreve a narradora.

Todorov, filósofo e crítico literário, mostrou que o sonho desloca a narrativa para outro nível; abre nova linha de fatos, suspende a narrativa principal e coloca o que ocorreu em outro estado, no caso, beleza e prazer, ou o belo prazer, no sonho. Na primeira metade do século XIX, os sonhos eróticos na literatura haviam cedido lugar a imagens de amor platônico, conta Corbin, mas depois, entre 1850-1870, operou-se um retorno, na literatura, ao erotismo, ao sonho lascivo. Há coincidência temporal entre esse retorno e o surgimento do culto ao anjo. O sonho erótico na literatura atesta também a consciência de uma época, na qual germinava a psicanálise, da existência de relação entre sonho e desejo sexual. Na história de Aurélia este é um belo momento.

Eles foram felizes para sempre, mas a narrativa não termina ai, prossegue até a geração seguinte para contar o desenrolar da vida das várias personagens, e em particular do filho/irmão de Aurélia que o acaso aproxima de Sofia, filha daquele homem que a abandonara grávida anos antes e que ninguém desconfia ser o pai do rapaz. Ela precisa intervir, revelar a impossibilidade daquele amor. O desenlace da situação surpreende pela determinação e violência: Sofia, a amada do filho de Aurélia dá um tiro no próprio peito, modo nada convencional de uma mulher se suicidar. O filho/irmão de Aurélia, inconsolável, sofrendo imensamente, segue um *grand tour* pelo mundo para tentar esquecer e aprender, até poder voltar e se adaptar, apaixonando-se finalmente por outra moça. A vida sempre continua, ao menos para os homens, pois para a jovem Sofia não havia alternativa. O desejo de violar o tabu do incesto aparece em inúmeras escritoras como desejo de auto-suficiência que encontra o seu interdito como aquele colocado ao fruto proibido da árvore do conhecimento e cujo gosto é o da morte.

Os espaços da sociabilidade, onde desfilam as várias personagens, são os bailes, as visitas e os saraus, as temporadas na Europa. Nesses cenários desfilam uma multiplicidade de tipos de época e principalmente de mulheres que tem vidas com tramas diversas dentro do grupo de amigas e conhecidas. Isto mostra que a escritora está desconstruindo a ideia 'da mulher' no singular, a arraigada noção que todas as mulheres são iguais, uma abstração universal, e a está substituindo pela pluralidade de personalidades e alternativas mesmo naquela sociedade ou à suas margens, aqui incluindo o espaço da morte da jovem Sofia. E incluindo também a cortesã a quem uma das moças, querendo enredar Salvador,

quando este ainda não era marido de Aurélia, em uma trama malévola porque ele não lhe dera atenção, contrata para desmoralizá-lo.

A cortesã aparece em outros livros e em uma história breve de Délia, sempre com um retrato como o que aqui é esboçado, alguém que sofre por sua condição, que foi levada a ela por necessidade de sobreviver e que é mais honesta moralmente do que muitas mulheres de sociedade. Tanto para os homens quanto para as mulheres da época, a prostituta ocupava uma posição simbólica importante e equivoca no cenário urbano imaginário. A maior parte das mulheres a aceitava como a outra degradada e construía sua figura contrapondo-se a ela, posição bem diferente da que ocupa nesta estória de Délia, onde seu comportamento é mais ético e seguro do que da senhora vingativa.

Vale ainda assinalar o papel que a música desempenha nos variados contextos da história, seguindo, o mais das vezes, o humor das personagens, ou em conversas ligeiras de salão, informando as preferências da moda, traço que se encontra em todos os romances de Délia. O piano acompanha as personagens principais, Aurélia que toca bem e Salvador, pianista requisitado, o que o aproxima mais ainda da moça. No século XIX, os escritores tratavam o piano como a 'droga das mulheres', o teclado traduzindo as pulsações que as jovens ingênuas jamais saberiam exprimir ou auxiliando as moças tímidas a se relacionarem. Nos romances de Delia, no entanto, o piano, o canto lírico ou a ópera mostram algo diverso, seguem a pulsação dos sentimentos e os intensificam, expressando-os assim com outra linguagem.

*Aurélia* é uma história com muitas outras nuances e meandros que cabe ao leitor seguir e desfrutar; um entretenimento para um momento de bonomia.

Norma Telles

2009

## Referências

Alencar, José de. *Senhora*.São Paulo:Ática, 8ª Ed.1975.

Corbin, Alain. *Historia da vida privada*, vol.4 São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Duby G. e Perrot, M. *História das mulheres no Ocidente* vol4. Porto/São Paulo: Afrontamento/Ebradil,1991.

Gilbert, S. e Gubar, S. *The madwoman in the attic*. New Heaven: Yale University Press, 1979.

Todorov,Tzvetan. *Introdução a literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

# Prólogo

## I

O quarto é espaçoso, arejado, com todos os requintes do luxo e do bom gosto.

No meio, o leito, baixo, rodeado de cetinoso tapete, onde o pé molemente se afunda.

Deitada, exangue, tendo na face cadavérica uns restos de peregrina beleza, uma mulher, uma moça ainda imóvel.

Junto ao leito, ajoelhada, uma jovem, com tranças soltas e a mão da moribunda entre as suas, oculta o rosto nos travesseiros.

A doente move a cabeça, com esforço, entreabre as pálpebras e murmura:

— Aurélia! Chama teu pai.

Ergueu-se a moça, olhou-a um instante com angústia e saiu, voltando pouco depois com o pai.

Era um homem de 44 anos, forte, simpático, com fisionomia pesarosa. Chegou-se ao leito, afetuoso e triste:

— Luiza aqui estou. Sentes melhoras?

Um sorriso indefinível passou rápido pelos lábios da enferma.

— Meu amigo, disse ela, a vida foge-me e eu queria pedir-te um favor, antes de partir para sempre.

O marido ajoelhou-se, comovido, beijando-lhe as mãos.

Luiza fitou-lhe o olhar longo, meigo, repleto de ternura, que lhe votara toda a vida e murmurou:

— Peço-te que acompanhes sempre nossa Aurélia, onde quer que o destino a leve. Consulta-a sobre a educação de Raul.

Voltando-se para a filha, acrescentou:

— Aurélia, lego-te teu irmão... servir-lhe-ás de mãe... não o desampares!

E, pálida, arquejante, cerrou os olhos umedecidos.

Enquanto o pai, enxugando as lágrimas, saíra afim de trazer o médico, que se achava em sala próxima; Aurélia ajoelhou-se, lívida, delirante e beijando as mãos da moribunda exclamou:

— Oh! Minha mãe! Sê abençoada! Morres por minha causa e, neste momento, ainda procuras com o teu devotamento assegurar a minha fortuna! Juro-te que serei digna de ti e do sacrifício que me fizeste! Perdoa-me o que te hei feito padecer!... não amaldiçoes tua filha!...

Luiza soergueu-se um pouco, cravou o olhar ardente, um tanto fixo na aproximação da morte, no rosto descomposto da filha, e, com mãos enregeladas, apertou-lhe febrilmente a cabeça, cobrindo-a de beijos, de lágrimas.

— Amaldiçoar-te?! Pobre anjo adorado?! Inocente mártir?! Nunca! Abençôo-te e possam minhas dores transformarem-se em felicidade para ti e...

O médico entrava com o marido e, aproximando-se de Luiza, viu que nada mais tinha a fazer.

A moribunda, já com o estertor da agonia, murmurou:

— Raul!...

Aurélia precipitou-se para fora do quarto e voltou logo, com um menino de dois anos, nos braços. Uniu o rosto da criança à boca de Luiza, que tentou falar, mas apenas pode sorrir ao inocente, que a afagou pela última vez.

A moribunda interiçou-se[1] e soltou profundo suspiro... Estava morta.

[1] Tornou-se hirta, inflexível.

# II

Alguns anos antes, essa pobre senhora era uma criatura feliz, [...] e risonha. Casara com Joaquim Augusto de Sá, advogado, homem inteligente, honrado e afetuoso.

Pouco depois, nascera Aurélia, estreitando ainda mais os laços, que os uniam. Não eram ricos, mas passavam bem, ganhando Joaquim Augusto mais do que fora necessário ao seu viver.

Aurélia cresceu, educou-se, transformou-se em linda mocinha e chegara aos 15 anos, alegre e perfeitamente feliz... "Luiza apresentou-a na sociedade, com orgulho: era tão bonita e tão moça como a filha — pareciam irmãs." Aurélia foi admirada por todos, o que lhe satisfez a vaidade.

Dentre os rapazes, que a requestavam, distinguiu e impressionou-se por Gustavo Alvim.

Amou-o com enternecimento, emprestando ao homem adorado, todas as qualidades e virtudes, que a adornavam.

Ele era moço, ambicioso, e, pervertido, jamais sentiria no coração essa aurora de mocidade, cheia de ilusões, de poesia e santas aspirações.

Sentiu pela mocinha uma paixão voraz. Estava habituado a um viver dom-juanesco e a contemplação dessa flor casta, rica de beleza e frescura escaldou-lhe o sangue. Vieram, além de repetidos encontros muitas vezes em sociedade, os passeios ao campo, em que a solidão e o aconchego avivam e enlouquecem a paixão...

Luiza reparou um dia na melancolia de Aurélia e atribuiu-a à alguma impressão passageira. Calou-se e esperou que a filha se atrevesse a fazer-lhe qualquer confidência.

Alguns meses depois, Aurélia, em um baile, empalideceu horrivelmente e cairia, se não a houvessem amparado. Momentos depois, com os dentes cerrados, lívida, dizia à sua mãe:

— Partamos!

Luiza, aflita, entrou no carro, obrigou-a a apoiar a fronte no seu peito, e, caladas, chegaram à casa.

Aurélia não quis deitar-se: enfiou um penteador de casimira escura, despediu a criada, e, com os olhos ardentes, a face marmórea, ajoelhou-se aos pés de sua mãe.

Luiza, bela, com seu traje de baile que lhe realçava a frescura dos seus trinta e dois anos, tentou sorrir e erguer a filha, mas vendo-lhe a expressão da fisionomia, esperou, inquieta.

— Minha adorada mãe! perdoa-me! exclamou a menina, beijando-lhe, febrilmente, as mãos. Sê forte para ouvir a desgraça de tua filha...

Amei, confiadamente, e entreguei-me ao ente a quem amava. Perdoa-me, se te ocultei esse sentimento e essa falta, mas eu tinha fé e amava!... Perdi-me e sou mãe!...

Luiza, lívida, imóvel, com olhar fixo, a boca seca, conservou-se muda. Aurélia fitou-a teve medo: na fixidez daquele olhar, na expressão daquele rosto havia uma dor horrível, sem nome!

— Minha mãe! acabrunha-me com a tua cólera, mata-me, mas fala! exclamou a moça desesperada.

— Prossegue! murmurou Luiza.

Aurélia passou a mão pela fronte banhada de suor, e, apertando a cabeça entre as mãos, continuou:

— Oh! mamãe quando me vi perdida, pensei enlouquecer! Chorei, padeci, quis morrer, mas, infelizmente estou viva! Enquanto dormias tranqüila, com a tua consciência de mulher honesta e mãe carinhosa, eu, a tua Aurélia, sofria, e chorava, mordia os travesseiros! Fui educada por ti, tenho os teus sentimentos e a tua dignidade; cedi porque amava, porque estava louca, e acreditava que esse ente casaria comigo! Do contrário eu não teria sucumbido!... Falei-lhe, hoje, nesse baile maldito, disse-lhe o meu estado e ele perguntou-me se eu tinha fortuna!... Ah! acentuou ela e um riso de alucinado saiu da garganta da mísera, tive asco e horror desse homem a quem me havia entregado e, compreendendo-lhe a infâmia, resolvi acabar com tudo e confessar-me a ti, pobre mãe, entregando-me em tuas mãos! Louca, desesperada, tive a força de dizer-lhe que não somos ricos e que eu o desprezava bastante para não querer vê-lo mais!... Viste depois o que sucedeu, perdi os sentidos!

Luiza olhava para a filha, contemplava-a e via-a tão jovem, tão linda e perdida para sempre! E era a sua filha única! o seu orgulho! a sua alegria!

Essa pobre menina, essa flor fanada, trazia em seu seio o fruto de seu desvario e da infâmia de um ato!

A mísera mãe sentia o coração triturado e perguntava a si mesma se não pagava naquele momento nefando um tributo cruel por toda a ventura de sua vida até ali, tão calma, tão feliz!

Ao desespero sucedeu uma compaixão infinita. Deus enviou-lhe lágrimas, fê-la chorar para que a sua razão não se perdesse! Abraçou a cabeça de Aurélia, beijou-a, lavou-a com suas lágrimas ardentes, santas e apertou-a ao peito, doudamente.

Chorou muito, longo tempo, chamando-a de pobre anjo, adorada filha: chorou sobre aquela formosa cabeça todas as suas esperanças, todas as suas alegrias, todos os seus projetos maternos!

Depois, ergueu a fronte, enxugou os olhos, sentou a filha a seu lado e disse:

— Queres que teu pai obrigue esse infame a casar contigo?

Aurélia empalideceu horrivelmente e disse com altivez e ódio:

— Não! nunca! prefiro a vergonha, o desprezo universal, tudo, a unir-me ao ente, que renegou meu filho, que despedaçou minha vida, porque... porque não tenho dinheiro! Não! minha mãe! nunca!

Luiza sorriu dolorosamente, e, tomando-lhe as mãos, acentuou:

— Prefiro ver-te assim! Pois bem! meu anjo, o teu filho será meu... Darei ainda uma vez a teu pai a alegria da paternidade!... Esse segredo morrerá conosco! Por egoísmo e medo o miserável, que te perdeu, nada dirá.

— Obrigada! mamãe, obrigada! soluçou Aurélia beijando as mãos de Luiza.

— Não m'o agradeças, filha querida! Eu não mereceria o nome de mãe se não soubesse salvar-te, filha adorada!

Aurélia esperava censuras, porque a criatura pura e honesta, que a educara e guiara, tinha o direito de ser severa, mas, apesar de conhecer essa bondade, que a amparava desde o berço, não podia compreender tamanha sublimidade.

Ajoelhando-se de novo chorou então, porém agora não de vergonha e ódio, mas de gratidão, murmurando:

— Oh! minha santa mãe! tu és boa e misericordiosa como Deus! Sê abençoada! Juro-te, pelo amor que te voto e pelo inocente, que em mim se agita, ser digna do teu sacrifício e do teu perdão!

# III

No dia seguinte, depois do almoço, Luiza tomou o braço do marido e dirigiu-se ao jardim: a mísera aparentava jovialidade, mas a palidez e as olheiras profundas contrastavam com o seu riso.

— Sabes? disse ela, estou grávida: duvidei algum tempo, mas hoje tenho certeza! Agora depois de velha! E sorria.

O marido riu com satisfação e, olhando-a atentamente, disse:

— Estás abatida! sofres muito?

— Passo mal as noites, disse ela, irei hoje consultar o Dr. Gomes sobre o que devo fazer.

— Vai e segue o que te disser. Não calculas o quanto me sinto feliz, minha Luiza! E se fosse um filho, o sonho da minha vida!

— Oh! e Aurélia! nada vale? exclamou a pobre mãe, prestes a soluçar.

— Aurélia é a nossa alegria, mas o filho perpetua o nome do pai e tem de ocupar na sociedade outro lugar que é vedado à mulher.

— Sim, disse Luiza, com amarga ironia, lugar que desonra muitas vezes!

— Oh! filha, não nos enfademos por tão pouco! Vias quanto me considerava feliz, tendo somente Aurélia!

— É verdade, meu amigo, estou nervosa, desculpe-me.

E deixando-lhe o braço, voltou à casa, aprontou-se e foi ter com o médico, velho prático, amigo de sua família: a ele, Luiza disse a verdade porque o conhecia, desde a infância como um caráter reto e pediu-lhe que prescrevesse mudança de ares.

Pouco tempo depois, Luiza e Aurélia partiram para Minas, sós, porque Joaquim Augusto não podia sair da corte.

Cinco meses mais tarde, Aurélia deu a luz um menino forte, tendo a seu lado a mãe e o Dr. Gomes. O que Luiza padeceu, vendo-a naqueles transes, não se descreve, calcula-se apenas!

Sabendo-a livre enfim de todo o perigo, tratou de alimentar a criança como pode, até que a mãe se restabelecesse: então, viu uma boa ama e, dois meses depois, voltaram ao Rio de Janeiro.

O abatimento, a magreza de Luiza atestavam a possibilidade de um parto laborioso, a palidez de Aurélia foi atribuída ao desassossego e à vigília.

Joaquim Augusto exultou de alegria, vendo esse filho tão desejado, esse filho da sua velhice, como ele dizia sorrindo.

O berço do menino ficava no quarto de Aurélia para poupar esse incomodo à Luiza e a ama dormia em aposento próximo.

Muitas vezes, a horas mortas, essa criança de dezesseis anos, essa tenra mãe ajoelhava-se junto ao berço do filho, contemplava-o com idolatria, devorando suas lágrimas.

O pobre inocente, dormindo suavemente (...) ignorava as angústias, as dores cruéis, que a sua entrada na vida havia custado e custaria sempre.

Luiza desde essa noite fatal, em que Aurélia lhe fizera a confidência de sua desonra, nunca mais foi a mesma. Suas faces murcharam, o olhar empanou-se pelo pranto e ela vegetou ainda dois anos, sorrindo à filha e ao marido, adorando o pequeno Raul, deixando-se medicar e ansiando pela paz do sepulcro.

Os médicos nada podiam; a alma estava profundamente afetada e para essa enfermidade a ciência humana é inútil.

Aurélia, ralada de remorsos, desesperada via a mãe finar-se, sem poder curá-la beijando-a, adorando-a como um ídolo.

Vendo-a expirar, depois de legar-lhe Raul como filho, afim de não separá-la nunca da criança, a pobre moça pensou enlouquecer.

Pois há um Deus que arrebata da terra uma mãe como Luiza e ainda tão jovem?!...

Aurélia estava alucinada. Olhando para o menino, hauriu, porém, forças; tomou-o nos braços, apertou-o febrilmente e sentiu que devia conservar-se para ele!

Essa pobre morta dera-lhe um grande exemplo de amor materno e ela devia imitá-la em tudo; curvou a fronte e resignou-se a viver!

# 1ª Parte

## I

É noite, chove copiosamente e o ar úmido penetra até os ossos.

É uma dessas noites que convidam ao serão em família, ao redor da mesa de jantar, em sala fechada, perfumada, bem esclarecida, bafejada pelo riso da criança e pela voz grave da avó.

Um desses aconchegos, em que se respira a estima, a honestidade e a ventura calma e suave.

Esse quadro risonho e casto, esse ninho de puras alegrias passavam nesse momento, pela imaginação da baronesa de Avelar, sentada em frente ao espelho, deixando-se adornar para o baile, que dava nessa mesma noite. Tinha vinte e sete anos, formas admiráveis, rosto correto: é adorável, mas as mulheres acham-na um tanto fria e altiva, os homens contemplam-na despeitados: os mais audaciosos vêm-se constrangidos a baixar os olhos conquistadores, diante da limpidez daquele olhar e do desdém daqueles lábios.

E, no entanto, ela era simplesmente, honesta, sem *morgne*, sem *pruderie*[2]: nascera assim, como outras nascem coquetes vaidosas e tinha orgulho e prazer na honestidade, como muitas na leviandade e na devassidão.

A sua conduta pura e irrepreensível era o seu luxo, o seu passado, o seu presente, a sua única alegria.

E porque resumia tudo em um só dever, quando era bela, moça, invejável?

É que esse dever era-lhe religião e consolo, mas ressentia-se de um culto extremo a sua própria pessoa.

Seria então, excessivamente orgulhosa?

Não! era uma natureza forte, (...) meiga e apaixonada. Ferido no sentimento que a mulher tem de mais sensível, retraiu o que havia em si de fraco e impressionável, deixou somente essa porção da alma que resiste, luta e cria os vencedores da sorte.

Sem mãe, filha de um homem ambicioso e extravagante, criada pela avó, velha, doente e boa, Zélia cresceu entre a indiferença de um e o afeto da outra.

Compreendeu cedo o que valia seu pai. Ainda assim estimava-o, porém, concentrou na avó, toda a ternura de sua alma.

A velha educou-a, vestiu-a e alimentou-a até dezoito anos.

Nessa idade era uma encantadora criatura, podendo aspirar ao mais brilhante futuro: o pai, vendo-a, compreendeu o partido que poderia tirar da sua beleza e atrativos.

---

[2] Sem arrogância, sem dissimulação; em francês no original.

Levou-a à sociedade e uma chusma de adoradores seguiu-a por toda a parte: compunha-se ela de velhos ricos, repugnantes, de rapazes namoradores, que apenas queriam passar o tempo, porque a moça era pobre e de um ou outro homem, pronto a tomá-la pelo seu valor intrínseco, como companheira e conforto de sua vida.

Zélia via que o pai tinha um fim qualquer em vista, e esperava, calma, triste, a hora da transação. Algum tempo depois apareceu o barão de Avelar, moço ainda, elegante, rico. A moça percebeu que ele a queria e o pai fê-la encarar todas as vantagens desse casamento. A avó sorria de contentamento, julgando que dali lhe viria a ventura; o pai ordenava-lhe [que] aceitasse; ela a ninguém amava; — cedeu. Satisfazia assim a avó; livrava-se do jugo paterno.

Procuraria amar esse homem, que a quisera pobre, podendo escolher entre tantas moças ricas.

Linda, fresca e admirada foi o encanto, a embriaguez e o gosto requintado do paladar gasto, o galvanismo desse dissoluto a quem dera virgindade, pudor, beleza e cuja alma procurara aquecer com os devaneios da sua mocidade e com as crenças da sua religião!

Seis meses depois, saiu dos braços desse abutre, fanada, com horror daqueles beijos, daquele cansaço, da aridez daquele espírito, do mutismo daquela alma, fechada aos bons impulsos e que não respondera aos apelos do seu coração, pronto para amar, perdoar e fazer esquecer um passado, ermo de afeto e votado ao desregramento!

Livre das importunações brutais do marido, mediu os destroços da sua vida e teve grande pesar: tentara amar esse homem que recebera por companheiro, perante Deus, mas, apenas encontrara um iniciador de vícios espantosos. Sua alma retraiu-se

dolorosamente e o desprezo ocupou o lugar, onde o amor não pudera nascer!

Fisicamente, o marido causava-lhe asco e nesses seis meses, em que fora casada, seus sentidos permaneceram mudos.

Nada sendo para a mulher, esse homem tinha o cinismo de contar-lhe as suas devassidões e de iniciá-la nos horrores do seu viver. Zélia, pálida, fria e digna, dava-lhe as costas e recolhia-se aos seus aposentos.

Aos 20 anos, bela, moça, vivia indissoluvelmente ligada a esse cadáver repulsivo, invejado e, aparentemente, cheio de atração. Era elegante, inteligente, espirituoso: se ela quisesse perverter-se, aviltar-se, poderia fazê-lo impunemente.

Mas nessa alma, virgem de amor, o culto pelo belo fortificou-se e fundiu-se em um só fim — ser digna de si e para si!

E assim vivia, resignada com a sua desdita, calma, amável, caridosa; a avó morreu, julgando-a feliz, cobrindo-a de bênçãos, a moça chorou-a e piedosamente, levava-lhe flores à sepultura.

Sofria com a idéia de não ter sido mãe, porém consolava-se com essa falta, temendo que o filho saísse ao pai. O que poderia ser o filho de seu marido?!...

Tendo a melhor das experiências, que é a adquirida em grande infortúnio, compreendeu que deveria somente contar consigo para proteger-se e amparar, conhecia bem as infâmias (...)

Tivera grande iniciador e inteligente; mordaz, livrara-se de muitas ciladas e seduções: calma resoluta, ia ao encontro de todo o perigo, vencendo, ficava indiferente.

Um oficial de secretaria, amaneirado, desfrutável, tendo-se como irresistível, vendo na mulher um objeto de prazer e um degrau para adquirir fortuna e posição, tentou aproximar-se dela e foi-lhe apresentado, conseguindo mesmo freqüentar-lhe a casa. Envidou todos os esforços para conquistá-la, apregoou vitórias, fez-se melancólico, desesperado, esbarrando sempre ante a ironia ou a frieza da moça.

Empregou um último recurso, insinuando-lhe que poderia fazer-lhe certas revelações sobre o marido. Julgava obter alguma causa, incitando-lhe o ciúme ou o amor-próprio e enganou-se ainda: ela não poderia ter zelos do homem, a quem desprezava, nem o seu amor-próprio seria atingido, de modo algum, pelo ser aviltado, que fora seu marido.

Zélia empalideceu, cravou o olhar altivo no rosto cínico, que tinha diante de si e disse, com indefinível desprezo:

— O Sr. é oficial de secretaria, deseja subir, não importa porque meio e dirigiu-se a mim. Era inútil procurar tantos rodeios indignos para chegar ao seu fim; bastava dizê-lo. Guarde para si as preciosas revelações, que desejava fazer-me e conte que terá acesso na primeira ocasião. E, calma, indiferente, desprezando nesse homem a humanidade inteira, dirigiu-se ao ministro, que se achava no mesmo salão, pediu o que desejava e foi servida.

O oficial, lendo a sua nomeação, [...] só, corou pela primeira vez em sua vida e julgou necessário ser mais prudente dali em diante.

Foi agradecer-lhe a sua proteção; ela mirou-o dos pés a cabeça, cortejou-o levemente, como rainha, que despede um importuno e murmurou:

— É um animal que segue o seu instinto!

Boa, caridosa, fazia bem a muitos infelizes e, quando descansava a face mimosa e pálida nas rendas do travesseiro, cerrava as pálpebras e um sorriso de íntimo consolo roçava-lhe os lábios, ao evocar as suas ações, durante o dia, que findara: era o sorrir da consciência imaculada, era o contentamento do justo, era a recompensa da desgraça!

E, ao perder a noção de tudo, sentindo as idéias apagarem-se pelo sono, parecia-lhe ver sobre sua cabeça, como um adejar de asas protetoras!

Era, talvez o bafejo carinhoso das almas que a haviam amado na terra, ou a fibra simpática da lembrança, que nos une àqueles que perdemos!

Encantadora em sua *toilette*[3] azul-pálida, a baronesa de Avelar dirigiu-se aos salões, para esperar seus convidados.

O primeiro a chegar foi Ambrosio Thomaz, de origem francesa, cinqüenta anos presumíveis, jovial, espirituoso, muito apurado no trajar, tinha uma calvície adiantada e pintava artisticamente os cabelos que lhe restavam. Atencioso, galanteador junto às senhoras, era um bom companheiro de divertimentos.

A baronesa recebeu-o com um sorriso e ele beijou-lhe a mão.

[...]

— Sra baronesa, deixe-me primeiro felicitá-la: está arrebatadora!

[3] Vestimenta feminina, toalete; em francês no original.

— Meu amigo! é sempre muito amável e daqui há pouco, repetirá o mesmo à primeira que entrar.

— Baronesa, juro-lhe que...

— Basta! interrompeu Zélia, rindo francamente. Olhe quantas maravilhas ali vêm!

E ergueu-se para ir ao encontro de seus amigos.

Às onze horas, as salas estavam cheias e mulheres, lindas, risonhas, deixavam-se admirar nas evoluções da valsa delirante.

Em um gabinete, iluminado, cheio de enrediças[4], trepadeiras, folhagens, rodeado por diversos vasos baixos, fofos, achavam-se Zélia e Aurélia.

Esta tem agora vinte e cinco anos, e é admiravelmente formosa. Pálida, dessa palidez sadia, com reflexos rosados, olhos grandes, negros, sombreados por sedosos cílios; perfil corretíssimo, suave; cabeça ideal; colo e quadris opulentos; carnação magnífica; traja um vestido de tule rosa-chá, com adereços de pérolas. Fascina, prende e seu corpo tem tamanha frescura, que parece saído de um banho de luz matinal. É elegante, grave, melancólica e quando passa altiva pelos salões, murmuram — esfinge!

E era-o! a voz causava estranhas sensações, o sorriso entristecia, o gesto ordenava.

Conversava, naquele momento, com Zélia, a quem muito queria: suas almas puras, nobres atraíam-se.

Ambrosio Thomaz penetrou no gabinete e disse:

---

[4] Qualquer planta que se emaranhe com facilidade.

— Sra baronesa, Salvador acaba de entrar! sempre gentil!

As duas moças empalideceram.

Zélia foi ao encontro do recém-chegado e Aurélia ficou ouvindo as amabilidades de Thomaz: nervosa, trêmula, tomou-lhe o braço e entrou nos salões: à sua aparição, todos os olhares fitaram-se nela, a multidão abriu alas e as outras mulheres passaram a ser — corpos opacos.

Quem era Salvador?

Mais tarde di-lo-emos.

Depois de cumprimentar as pessoas do seu conhecimento, ele colocara-se no vão de uma janela e olhava. De repente, avistou Aurélia. Seu olhar irradiou, a fronte empalideceu e, cerrando as pálpebras, levou a mão ao coração, onde a vida se lhe concentrara.

Todo seu ser eletrizara-se ao divisar a deslumbrante criatura e, trêmulo, apoiou-se à sacada: expôs a fronte ardente à brisa da noite e esperou um pouco de calma. Minutos depois, ainda pálido, com a voz alterada pela emoção, cumprimentava Aurélia, envolvendo-a em um olhar terno, impregnado das saudades lancinantes que o haviam pungido em longa ausência, na Europa, para ele erma, donde chegara há dois dias!

Oh! contemplar, falar diante de todos, ao ente idolatrado! Sorrir amavelmente, quando os joelhos dobram-se, a lágrima empana o olhar, o coração enche o peito, a comoção sufoca! Oh! é horrível! é parodiar, moralmente, a pressão da válvula, impedindo a explosão!

Pouco depois, em uma saleta, rodeado de homens e senhoras, falava do que vira, com fina verve, quando [enxergou a moça].

Frêmito juvenil percorreu-lhe o corpo, suas narinas dilataram-se e seus pés sentiram como que o prurido do vôo. Cortejou, pediu desculpa de interromper-se e correu ao salão onde se dançava.

Olhou avidamente. Aurélia, isolada, perdida em mundo de devaneios com o olhar velado pela cisma, a boca soaberta, seguia também as evoluções dessa valsa fremente, anelante, sofrendo quase.

Salvador chegou-se a ela e convidou-a para dançar. Aurélia ergueu-se e deixou-se enlaçar pelo braço trêmulo do moço.

Enfim, ele cingia aquela cintura de sílfide, sentia o arfar daquele elo soberano, aspirava o perfume da mulher idolatrada!

Aurélia cerrou as pálpebras, inclinou um pouco a cabeça e valsou como os anjos valsariam sobre esferas luminosas. Bela, pálida de emoção, embriagada pelo hálito ardente de Salvador, era a encarnação da volúpia.

Acabando de dançar, ele levou-a de sala em sala, presa à voz adorada, que saía dessa boca, triste, mimosa e rosada. Maquinalmente, entraram no gabinete de enrediças e trepadeiras, sentaram-se e continuaram a conversar.

# II

– Estive com Victor Hugo, como sempre, que vou à Europa; é uma espécie de culto a que não posso furtar-me! Lembrando-me do que me disse um dia, fui também ao túmulo de Alfred Musset e pareceu-me que a sombra do poeta sorria, ouvindo-me pronunciar o seu nome, senhora. Depois em tarde chuvosa e fria, estive alguns momentos junto à lousa do nosso Chopin: é assim, que o chamávamos, antes de minha partida, recorda-se?[5]

— Foi, então, uma verdadeira peregrinação artística! disse Aurélia.

— Artística?! ignoro mesmo, se o que me impelia a esses túmulos era o mérito dos que neles descansavam ou a idéia vívida, tenaz, que eu associava a todos os meus passos!

Aurélia corou levemente e baixou as pálpebras.

---

[5] Victor Hugo (1802-1885), escritor, poeta e dramaturgo francês recebeu, no final de sua vida, uma espécie de culto nacional. A comemoração de seu 80º aniversário, em 1882 um ano antes do presente livro ser escrito, foi festejada com júbilo nacional. O poeta e escritor francês Alfred de Musset e o compositor Frederic Chopin estão enterrados no cemitério Père-Lachaise, Paris.

Salvador chegou-se mais a ela e com a voz dulcificada pela emoção, com o olhar úmido, sorrindo, amargamente, disse:

— Compreende, acaso, o poder esmagador de uma idéia fixa, revolvendo-se em cérebro forte, resistente, onde a loucura não pode ainda penetrar?!...

Pois bem! esse cérebro é o meu e até hoje foi-me negado o lenitivo, isto é, a loucura, pois ela trar-me-ia paz, matando a memória, fazendo esquecer tudo que encanta, tudo que magoa! A alma é o produto de efeitos cerebrais e desde que a noite — a demência invadisse a sede do sentir, eu estaria salvo, cessaria de pensar!...

Enquanto ele falava, a moça erguera os olhos e, fascinada, ouvira-o dizer o que também se passava em si, matando-a, lentamente.

Oh! Ela bem compreendia essa perseguição de uma idéia, de uma imagem, que se tenta banir e que volta sempre, com a uniformidade das vagas, quebrando-se na praia!

Zélia apareceu à porta do gabinete sorriu e, dirigindo-se ao moço, disse:

— Os meus convidados morrem por ouvi-lo e eu também o desejo, sentindo, porém, privá-lo da companhia de Aurélia; mas *noblesse oblige*[6], tenha paciência.

Aurélia tentou sorrir, ergueu-se, tomou o braço de Salvador: Zélia precedia-os e entraram no salão de concerto, onde via-se o piano, sobre um estrado.

---

[6] A distinção, a nobreza, torna obrigatório.

À entrada de Salvador, todos calaram-se: as mulheres [...] sentimentais; os homens deram trégua à política, ao jogo, à palestra e postaram-se às janelas; às portas, atrás das cadeiras, ocupadas por senhoras.

Ele deixou Aurélia pouco distante do piano e, elegante, prendendo a atenção, acercou-se do seu instrumento favorito: era de altura de acima da média, distinto, aproximando-se dos quarenta anos: a fronte amorenada sombreava-se por esplêndidos cabelos castanhos ligeiramente anelados, onde já aparecia um outro fio de prata; o porte altivo; a fisionomia atraente, afável; o sorriso meigo; a boca graciosa.

Nada tinha de efeminado: o olhar prescrutava[7] e, quando queria, a sua atitude tornava-se imponente: a bondade transparecia em toda a sua pessoa, a inteligência iluminava-lhe a fronte; a sua natural superioridade colocava-o acima dos demais homens: era belo, de uma beleza viril, laureado pelo gênio.

Sentou-se e preludiou umas notas, cheias, graves, com seus dedos adestrados: parecia procurar algum motivo, algum poema.

De repente, a cabeça inclinou-se um pouco para trás, os olhos perderam-se no vago e tocou magistralmente uma composição de Thalberg.

A idéia do grande gênio foi interpretada perfeitamente e Salvador mostrou o seu estudo, destreza e saber: depois, fez ouvir Listz, entusiasmando o auditório: [...] algumas notas abemoladas, gemedoras, tocou um *Impromptus* de Chopin.

---

[7] Indagava, investigava; sondava, estudava, penetrava.

Oh! Nesse momento, poder-se-ia crer na transmissão das almas: Salvador era o próprio Chopin, o divino sonhador, o sublime — *poete du piano*[8], como o haviam qualificado outrora!

Aurélia, muda, respirando apenas, contemplava-o de perfil e extasiava-se: as linhas corretas, daquele rosto tomavam a expressão da música doentia, febril, inovadora do meigo compositor: era a mesmo espírito, animando dois corpos distintos, em épocas diversas.

Aplaudiram-no freneticamente e as mulheres apertaram-lhe as mãos, comovidas, fascinadas: pouco depois, retiraram-se todos.

[8] Poeta do piano; em francês no original.

# III

A baronesa de Avelar entrou no seu *boudoir*, abriu a porta de vidro e chegou à sacada: era tarde, três horas da madrugada, a chuva cessara, as nuvens esclareciam-se, o ar estava puro e perdia-se ao longe o ruído dos últimos carros, levando os convidados.

A moça encostou-se à parede, aspirou fortemente, erguendo para o céu o rosto banhado de lágrimas.

— Oh! murmurou, como ele a ama! Como dançava! Como lhe falava!

E, pálida, chorando amargamente, permaneceu longo tempo insensível ao frio, a tudo, esquecendo mesmo que vivia.

Havia quatro anos que encontrara Salvador pela primeira vez, uma grande intimidade estabelecera-se entre ambos; eram inteligentes, espirituosos e Zélia até então, alheia de amor, sentiu que amava, enfim!

Tentou iludir-se, durante algum tempo, mas convenceu-se de que se achava cativa e acorrentada a esse homem. Amou-o em silêncio, sem trair-se um só instante; mostrando-lhe sempre a mesma amabilidade e dormia agitada, mas sem remorso.

Com a percepção dos que amam, desconfiara de que Salvador amava Aurélia e acertara.

Depois de um ano de ausência, após uma partida repentina; que se assemelhara à fuga, ele voltava, mais apaixonado que nunca, ela sentia-o pelo ciúme, que a devorava.

Amar um homem como Salvador, pela primeira vez, tendo sido desgraçada e ver-se ligada a outro! ... amar, loucamente, até ao sacrifício e esse sentimento passar desapercebido ao ente, que o inspirara!

E, no entanto, era bela, a ponto de fazer cometer crimes!

Odiaria Aurélia por ser perfeita?

Não! prezava e apreciava essa criatura arrebatadora, casta, coroada pela beleza, pelo talento e pela graça, presa de um pesar profundo e, seguramente, imerecido: compreendia a atração fatal, que levara Salvador à Aurélia: completavam-se e harmonizavam-se, admiravelmente.

Com o olhar perdido no vago, as feições alteradas pela dor, a formosa cabeça pendida, Zélia permaneceu horas e horas, em horrível tortura: tudo quanto poderia padecer, durante o resto de sua vida, quer durasse mais um dia ou vinte anos, ela sofreu nessa noite, apurando a alma em doloroso cadinho.

Cólera, revolta, ciúme, desesperança, desalento, passaram-lhe sucessivamente n'alma, marcando-a de modo indelével, agitando ou parando-lhe o sangue nas veias.

Alucinada, muda, entregava-se ao tumultuar interno desses sentimentos, que perpassavam-lhe no espírito como visagens

grotescas, hediondas, sarcásticas, soltando guinchos, tripudiando em inaudita saturnal.

A impiedade fê-la encarar o céu e procurar esse Deus, que a havia abandonado a uma sorte cruel, sendo boa, honesta e crente!

A blasfêmia intumesceu-lhe o seio, a palavra ia sair medonha, cheia de fel, abrindo o abismo insondável da descrença!

— Oh! meu Deus! não! perdoa-me! exclamou a mísera, caindo de joelhos. Protege-me, ampara-me, tu, que me deste a força de ser digna!...

Contrita, lacrimosa, apertando o peito com as mãos, como a impedir que a fé lhe escapasse d'alma, Zélia conservou-se cabisbaixa.

# IV

Os albores da aurora coloriam o firmamento; o horizonte enrubescia suave, ainda envolto em véu de vaporosa gaze; da terra, da vida desprendia-se vago e misterioso perfume, subindo ao céu, como saudação ao dia, que nascia; das folhas das árvores caiam as gotas da chuva; as flores descerravam as corolas à brisa da manhã; os pássaros acordavam, piando docemente: o ontem fugia e o hoje despontava!... Zélia estremeceu, olhou em torno, sorriu de modo inefável: sorrir beatífico de quem se sacrifica, êxtase do designado!

Também havia em si o alvorecer de uma nova era, iluminada pelo devotamento, perfumada pela ternura.

Prostrada ante Deus, que não pudera renegar, procurou raciocinar.

Esqueceria Salvador!

Esquecer!!! Palavra inútil, incompreensível ao verdadeiro amor!!

Não podendo olvidar, não sendo amada, sem ambição, sem esperança, indiferente ao que a cercava, guardaria o seu amor no fundo d'alma e, não tendo possibilidade de ser feliz, trabalharia

com todas as suas forças para a ventura do único ente, a quem amava na vida!

Oh! Daquele coração amargurado ia brotar o culto mais santo, mais puro que é dado a criatura inspirar — o renunciar de si mesmo em favor de outrem.

Calma, angélica, contemplou o sol nascente, o esplendor do dia e uma lágrima ardente rolou-lhe pela face mimosa.

Em sua alma caía o eterno crepúsculo. O que brilhava para todos, para ela se apagara.

# V

Era Salvador Corrêa filho de um homem distinto e de virtuosa senhora.

Perdera pai aos doze anos e fora educado pela mãe, solícita, amante e boa.

Teve professores em casa e estudou conscienciosamente: matriculou-se, mais tarde, na escola de Direito, em S. Paulo.

Formara-se, mas não quisera ser nem magistrado, nem advogado: seguiu também o curso de medicina, como ouvinte.

Aos 28 anos, tinha, pois, muitos conhecimentos.

Com grande vocação para música, desde tenra idade dedicou-se ao piano.

Tocando bem, mas querendo aperfeiçoar-se, foi à Europa e teve bons mestres, que lhe deram os últimos retoques.

Acompanhara sempre com entusiasmo, as evoluções das ciências, das artes, das grandes idéias e crises sociais.

A par de vasta ilustração possuía espírito fino, superior, ligeiramente sarcástico.

Isentara-se dos preconceitos, que amesquinham o espírito humano, abraçara tudo que alenta e fortifica o entendimento, sem hesitações, sem dúvidas.

Tinha subido culto pelo belo, pelo que é delicado, elevado e isso livrara-o de esterilizar a alma pelo predomínio de seus profundos conhecimentos e rara erudição: mostrava mesmo (...) que lhe quadrava admiravelmente com os instintos artísticos, apurando-lhe o gosto, embelezando-lhe a frase.

Não discutia, mas, quando era obrigado a emitir opiniões, falava com eloqüência, com sabedoria, encantava e convencia.

Não tinha inimigos: os homens invejavam-no, concedendo-lhe a supremacia sobre todos de então, eram-lhe afeiçoados, vencidos, subjugados pela sua real superioridade e apurada delicadeza.

Era o ídolo, o sonho, o fanatismo das mulheres, às quais dispensava amabilidades, sorrisos e finezas: não jurara à nenhuma sentimentos, que não nutrisse e fora, às vezes, selvagem, cruel, afastando de si afeições a que não podia corresponder: a lealdade era o fundo do seu caráter.

Sempre acompanhado pela mãe, percorreu diversos países da Europa, estudando, comparando, apreciando o progresso e o desenvolvimento do que é útil, com a sagacidade e o afinco do seu maravilhoso talento.

Aos trinta e dois anos, voltara ao Rio de Janeiro, belo, atraente, e pouco depois, teve a dor de perder a mãe: chorou-a com suas primeiras lágrimas de homem; chorou com pungente saudade essa terna e incomparável amiga, que lhe servira desde o berço,

animando-o nos labores do estudo, formando-lhe o coração, dourando-lhe a vida com sua divina solicitude!

Essa lembrança querida ficar-lhe-ia eternamente n'alma, como incentivo, consolo e paz: conservou-lhe religiosamente os aposentos com as mesmas disposições e o mesmo arranjo, como se ela aí vivesse ainda ou pudesse voltar algum dia! Era uma dessas adoráveis puerilidades [...]

Durante um ano, vivera com seu pesar, fugindo à sociedade e ao bulício: quando voltara ao seu antigo viver às visitas, aos teatros e bailes, fora o alvo de todas as atenções, o ideal de todas as mães, a febre das meninas casadoiras, o anseio das coquetes, o terror dos maridos e o pesadelo dos leões: em breve, serenaram todos: as mães desanimaram; as meninas eram muito insignificantes para prenderem o caprichoso sonhador; as coquetes tiveram de contentar-se com suas anedotas e amabilidades; os maridos duvidaram dos encantos de suas caras metades e os leões entraram na plenitude de seus privilégios.

Voltaram outra vez aos primitivos lugares e Salvador, melancólico, poético, destacava-se, suavemente, desse meio, em que tinha de viver.

Zélia, baronesa de Avelar, vira-o, amara-o em silêncio e ele achara-a encantadora, espirituosa e tivera apenas, ao vê-la, a sensação que toda a manifestação do belo causa ao artista.

Fora amado também, mas de modo diverso, por Sabina Mazeralle, de quem mais tarde falaremos, porém Salvador fugira às suas provocações, preferindo os caprichos de um dia, que pagava com seu ouro, a certas ligações, somente desculpáveis, quando se

firmam por veemente paixão. Como não a amava, fingira não compreendê-la.

Um dia, encontrara Aurélia, em casa de Zélia e o invulnerável, o incauto Salvador, trêmulo, fascinado, teve a intuição do cativeiro, da idolatria, do aniquilamento do próprio ser!

Fora apresentado à moça, conversara, perdera-se em sublime ideologia poética e ela dera-lhe a réplica com o mesmo espírito e finura. Pediram-lhe que tocasse alguma coisa: Aurélia aproximara-se, falara-lhe em diversos mestres, com profundo conhecimento de todos e tocaram à quatro mão diversas sonatas: o entusiasmo de Salvador chegara ao delírio.

Não pudera dormir, e, ao levantar-se, confessara a si mesmo que amava loucamente.

Não era mais um menino inexperiente, tinha 33 anos, vivera, conhecera o que há na vida de bom e de mau, pagara amplamente seu tributo à primeira mocidade e admirara as mais belas mulheres da Europa: mas Aurélia, além de poder ombrear com elas pela beleza, pela inteligência e pela graça, tinha em toda a sua pessoa esse estigma do infortúnio esse perfume de dor e de pranto, que escraviza, prende e arrasta.

Salvador, artista, poeta, rico de sentimento e imaginação, ressentiu mais que ninguém o contrapeso dos pesares, das amarguras daquela alma grande, sublime, cheia de ternura: amou-a com ardores, com veneração — idolatrou-a.

Ela era solteira, ele também, podiam unir-se para sempre; mas Aurélia recusara, até então, todos os pedidos, que lhe haviam feito nesse sentido e diziam, à surdina, que uma grande paixão ou

grande desgosto a impedia de casar. Apesar desse boato, Salvador tentara, um dia, falar sobre seus desejos e projetos, mas estacara vendo a alteração da fisionomia da pobre moça.

Durante três longos anos, procurara com seu carinho, constância e solicitude comover Aurélia e era, ora afogado pela esperança de retribuição, ora desiludido pela reserva da formosa criatura: louco, desesperado, partira para a Europa a ver se a esquecia, se curava a alma, matando a lembrança. Pálido, comovido, despedira-se, balbuciando palavras sem nexo, contendo os soluços, beijando o pequeno Raul, com dor e raiva.

Na Europa, procurava estudar ainda, prender-se a alguém, ou à alguma causa e nada conseguira: calado de saudade, arrependido de haver partido, andara pelos lugares, onde Aurélia havia passado, visitava os túmulos dos mesmos poetas e músicos, onde ela sentara-se, alguns anos antes.

Nos monumentos, nas lousas, nas árvores escrevera-lhe o nome; nas florestas lançara-o como um apelo e esperava-o na voz do eco; aquele espírito superior tinha puerilidades, que o consolavam sem amesquinhá-lo.

Três sentimentos tornam o homem criança: o amor, a felicidade e a dor: cada um deles faz crer, esperar e recear: dobra a altivez, amolece a alma, povoa a mente de quimeras fugitivas, despertando confiança, ilusão e fé. O amor, a felicidade e a dor em seu paroxismo têm as mesmas exclamações: três forças distintas com as mesmas manifestações.

# VI

Dizem que a agitação e o ruído das grandes capitais podem curar ou atenuar certas paixões, Salvador, porém, perdido no *Grand Opéra* [9]ouvindo as sumidades artísticas, tendo ao alcance da vista lindas mulheres, conhecendo-as, freqüentando-as, via somente a imagem adorável de Aurélia e associava-se às melodias que cantavam magistralmente. O que sentia não era mais paixão e sim monomania: idéia constante, absorvente, cheia de encanto e fascinação.

Após um ano, voltava ao Rio, sem prevenir a ninguém, mais apaixonado que nunca e convencido de que só a morte poderia apagar esse afeto. Dois dias depois, ia ao baile da baronesa de Avelar, deslumbra-se com a aparição de Aurélia, bela e feita para a adoração, que inspirara!

[9] Ópera de Paris.

# VII

Depois da morte da mãe, Aurélia, pálida, abatida, causara sérios cuidados ao pai: por esse tempo, falecera um compadre de Joaquim Augusto, padrinho de Aurélia, legando-lhe sua grande fortuna.

Além de distrair a filha e também para atordoar-se, Joaquim Augusto partira para a Europa e submetera-se ao itinerário, marcado pela moça. Durante dois anos, Aurélia, sempre de luto pesado, percorrera diversos países, apreciara o belo, elevara o espírito, ilustrara-se, tornara-se uma mulher distinta.

O seu doloroso pesar fora substituído por suave melancolia, a sua vivacidade de menina dissipara-se e alguma coisa de grava estampara-se em toda sua pessoa: era uma criatura adorável e capaz de impressionar a um filósofo.

Um dia, visitando o Coliseu, evocando as tradições antigas, Joaquim Augusto, depois de volver o olhar por todos os lados, contemplara a filha Aurélia, pálida, séria, com roupas negras parecia o gênio daquelas ruínas, a soberana daquelas grandezas: inteligente, espirituoso, ele teve a intuição dessa idéia e, sorrindo, disse:

— Aurélia! Não calculas como a tua beleza se associa a todas essas maravilhas! Devias ter nascido em outra época, imperar neste recinto, quando nele ressoavam os brados da multidão, os gemidos dos moribundos e os gritos dos vencedores!

Sorrindo ela contemplou os sublimes destroços, a vetustez[10] das muralhas, o musgo, serpeando por toda parte e aspirou o cheiro ativo dessas ruínas imponentes.

Seu espírito abrangeu, rapidamente, a sangrenta história desse montão de pedra e pó e, com olhar fulgurante, disse:

— Sim, quisera presidir e reinar aqui, contanto que dessas aglomerações pudesse provir um bem para a civilização e a humanidade!

Desejara que os séculos futuros falassem dessa magnificência pelos resultados que dela houvessem obtido! Que pena ter sido tudo isso o teatro de barbaria estúpida e despotismo cruel!

E bela, triste, voltara-se para o pai, tomara-lhe o braço, olhara-o com meiguice, dizendo:

— Como sou feliz em possuir-te, ter-te junto a mim, bom, terno, inteligente, falando-te como um irmão! E uma lágrima desprendera-se de seus negros cílios.

Joaquim Augusto olhava para ela, com idolatria e beijou-lhe a fronte, sem se importar com a curiosidade do cicerone.

Em Veneza, à noite, quando a lua iluminava os canais, Aurélia na gôndola, apoiando a fronte ao ombro do pai e com Raul aos joelhos, cerrava as pálpebras, sonhando acordada:

---

[10] Antigo, que merece reverência.

Tudo quanto o romantismo inventara de apaixonado passava-lhe pela mente abrasada, extasiando-a, intumescendo o seio. Muda, sem noção do tempo, perdia-se em mundos fantásticos, povoados de risonhas miragens e virginais amores: enquanto a alma corria, loucamente, por encantados páramos[11], seu rosto conservava a melancolia de sempre.

À horas mortas, envolta em brancas, roupagens, à janela do seu palavicino, cismarenta, inebriava-se com o perfume dos jasmins: do canal subia ligeira bruma, elevando-se até beijá-la.

Era a homenagem misteriosa dos habitantes das águas ou a sombra dos doges reverentes!

Em Milão, no Scala, ouvindo cantar maravilhosamente o Guarani[12], Aurélia apoiava a cabeça à coluna do camarote, deleitando-se com a música.

Toda de preto, triste, distinta, chamava atenção; era alvo de todos os olhares, o assunto de todas as conversas e nada via, presa à majestade dessa sinfonia admirável e palpitante.

Só o seu espírito brasileiro podia compreender o que Carlos Gomes descreve com tanto saber.

Ouvindo sempre, parecia-lhe ver o dorso ondulante do jaguar a se mover nos matos; a grandeza das nossas florestas; o mugir dos grandes rios, cuja vista encobria-se pelo enredado caprichoso dos cipós, balouçando-se de uma árvore a outra; o grito estridente do

[11] Cumes; firmamento, céu.

[12] Foi em março de 1870 que o Guarani, ópera de Carlos Gomes, estreou com enorme sucesso no teatro Scala, em Milão. No ano seguinte, esta ópera passou a fazer parte do repertório do teatro e foi novamente apresentada.

selvagem, advertindo a tribo; essas notas dispersas, estranhas, como conciliábulos de bárbaros e imperando afinal o canto apaixonado, suave e profundo do protagonista Peri!

Suspirava, sentia o peito opresso, desejaria chorar: era a exuberância de ternura, de afeto, que lhe enchia o coração, a ponto de causar-lhe dor!

Esteve muito tempo em Paris, visitou tudo que aí há de belo e grandioso: em toda parte onde podia, levava Raul.

Todas as tardes ia ao bosque em carro descoberto, com o pai ao lado e o menino ao colo.

Joaquim Augusto, moço ainda podia ser considerado marido dessa formosa e atraente criatura.

Aos 20 anos, voltara ao Rio e causara verdadeira sensação.

Encontrara um dia Gustavo Alvim, o miserável que a maculara física e moralmente; sabendo que ela herdara do padrinho, ousara falar-lhe em casamento: Aurélia fitara-lhe um olhar de intraduzível desprezo e murmurara estas palavras, por entre os dentes cerrados:

— Desapareça e não ouse mais aproximar-se de mim!

Pouco depois, vendo que ele não se retirara, pretextara qualquer indisposição e saíra. Ligara-se intimamente à baronesa de Avelar, bela, moça e como ela vítima da sorte: sentiram-se atraída pelos mesmos gostos, pela inteligência, por simpática afinidade no sentir e no sofrer: amaram-se como irmãs – mas, trocando idéias, opiniões, guardaram o seu segredo: uma temera mostrar à amiga as dores humilhantes que o casamento lhe infligira, a outra não poderia revelar a ninguém o que lhe aniquilara a vida, matando-lhe

a mãe, privando-a de chamar filho ao ente idolatrado, que tivera em seu seio.

# VIII

Estabelece-se entre os que se amam extremamente uma espécie de corrente magnética atraindo outros espíritos, outras paixões à mesma convergência afetiva e daí provém lutas, crimes e ódio.

Salvador, belo, rico, solteiro, com apurada educação impressionava vivamente e mais que ninguém podia inspirar grandes amores. Sabina Mazerolle tinha vinte e oito anos quando o conhecera e amara-o, com desvairamento.

Casara, havia alguns anos, com César Mazerolle, de origem italiana, opulento, generoso, forte, porém de idéias acanhadas e completamente votado à mulher.

[Ela] propensa ao luxo e ao galanteio, bem depressa esquecera o marido e entregara-se, com frenesi, aos divertimentos que a sua riqueza lhe proporcionava.

Tivera dois filhos, que entregara às aias, vendo-os e beijando-os, apenas, nas horas de refeição.

De mediana estatura; ligeiramente amorenada; formas roliças; palidez ardente; cabelos negros e luxuriantes; sobrancelhas

acentuadas; olhar enérgico; lábios grossos e rubros: graciosa e elegante.

Era bonita, provocante, admirada e tinha verdadeiro séqüito de adoradores reverentes, ciosos, atentos aos seus caprichos.

Acusavam-na de algumas culpas, não de todo levianas: as mulheres censuravam-na por inveja, os homens mostravam-se amáveis, afagando a esperança de agradar-lhe.

Zombava porém, da opinião das primeiras e sorria aos últimos.

O marido nada via e orgulhava-se com os triunfos da mulher, desvanecendo-se com a sua beleza e graça.

A distinção de Salvador arrebatara-a.

Amara pela primeira vez, com todos os ímpetos de sua natureza ígnea, mas com todo idealismo, que o verdadeiro amor provoca.

Desconhecera-se, escutara o canto melodioso do coração rendido e tivera medo!

Temera essa ternura, que a escravizava, esse desprendimento por tudo que era alheio ao homem amado e até duvidara dos seus encantos.

Muda, indiferente à vida real, entregara-se às sensações indefiníveis, que lhe despontaram no seio, surpresa, inquirindo a si mesmo se estava louca ou se Salvador era um ente sobre-humano.

Procurara atraí-lo por todos os meios possíveis e nada obtivera, concluíra pois que ele, ou professava um puritanismo ridículo ou amava alguém, pois ficara insensível à fascinação que estava habituada a exercer. Despeitada, amando e odiando ao mesmo tempo, seguira o olhar, os passos de Salvador, empregara toda a

sua perspicácia feminil em estudá-lo e adivinhara o que se passava em sua alma.

Voltara-se para Aurélia, procurara devassar-lhe o íntimo e ficara indecisa: o homem traíra-se um pouco; a mulher escondera e tão bem, que ela duvidara e acabara desistindo de prescrustá-la.

Afim de deprimi-la no espírito do moço, espalhara, com jeito, alguns boatos malévolos sobre a repugnância que ela mostrava em casar, sendo bela, rica e conseguira que essas indignidades chegassem a ele, que as desprezara e quase espancara o [...] Aurélia pudesse amá-lo, algum dia, procurara meios de perdê-lo no conceito dessa criatura altiva e enigmática.

Havia, nessa época, no Rio uma atriz do teatro francês, péssima cantora e bonita mulher, o delírio dos dândis e terror das famílias. Seu sorriso de sereia enlouquecia e suas unhas rosadas escamoteavam docemente os ordenados, as pensões, o valor de hipotecas, o apuro das lágrimas e das privações, o labor de muitas noites de vigília, sempre risonha, gentil. Quando nada mais houvesse para sugar, bateria as asas e iria a outros climas; a outros céus, empreender a mesma colheita, zombando dos néscios, a quem deixara em horrorosos apuros.

Sabina escolhera-a para representar o papel, que havia imaginado em momento de cólera e ciúme: dirigira-se à casa de *Mlle. X* e pedira para falar-lhe.

Era uma hora da tarde; a atriz acabava de retocar a sua fisionomia, um tanto abatida pela orgia da véspera, quando a criada fora dizer-lhe que uma senhora desejava falar-lhe: curiosa, disposta a rir, *Mlle. X* mandara-a entrar para o seu *boudoir*. Já que se

achava em presença de uma senhora da alta classe, quisera recebê-la no seu recinto predileto e suntuoso.

[...] esperara a visitante e, ao vê-la, compreendera que era uma verdadeira senhora da sociedade. De preto, com denso véu, cobrindo-lhe o rosto, Sabina adiantara-se até ela e cumprimentara-a, dizendo em francês:

— *Mlle*, desejo conversar consigo e propor-lhe um negócio.

A atriz achara-a decidida, oferecera-lhe uma cadeira, sentara-se também e, sorrindo, com finura, disse:

— Minha senhora, ignoro ao que vem, mas sou franca e costumo ver sempre o rosto dos que tratam comigo; desculpe se não faço exceção em seu favor.

Resolutamente, Sabina erguera o véu e mostrara seu rosto encantador, com colorido habitual, fitando a francesa, com seu olhar enérgico.

Esta admirara-se por vê-la calma, cortês, sem esse constrangimento que a mulher honesta ressente junto às cortesãs. Reconhecera-a por havê-la visto nos teatros e nas corridas, onde seus carros se cruzavam muitas vezes.

— *Mlle*, disse Sabina, conhece Salvador Corrêa, célebre pianista, homem rico?

— Conheço-o de vista, respondeu ela.

— Pois bem, quanto exige para [...] nas suas seduções e torná-lo instrumento de suas fantasias?

Enquanto ela falara, a atriz tomara um ar digno, ofendido e Sabina compreendera que o preço da transação elevava-se, mas não se abalara; podia pagar seus caprichos.

— Minha senhora, disse a francesa, até hoje, tenho trabalhado por minha conta e não cheguei ainda ao ponto de necessitar viver de especulações, e volvia, com certo orgulho, o olhar pelo *baudoir*, luxuosamente adornado, depois, sorrindo, acrescentara:

— Mas a originalidade do negócio tenta-me: será uma brincadeira e demais Salvador agrada-me! Pode dar-me dois contos de réis?

— Dou-lhe, respondera simplesmente Sabina.

A atriz arrependera-se de não ter pedido mais, porém consolara-se com a perspectiva do que arrancaria a Salvador: Sabina erguera-se e dissera:

— *Mlle*, guardará segredo; Salvador anda apaixonado e, se desconfiasse que haviam-na incitado a seduzi-lo fugiria. De hoje há oito dias trar-lhe-ei os dois contos de réis e Ambrosio Tomas, a quem conhece, será encarregado de apresentar-lhe Salvador.

E, cumprimentando, baixara o véu e saíra.

Para colocar o moço em presença de *Mlle. X*, Sabina fizera uma aposta com Ambrosio Tomas, prometendo o que ele quisesse, caso conseguisse fazê-lo amante da atriz. Ambrosio aceitara e levara algum tempo propondo ceias, noites agradáveis a Salvador, que rejetara, preso e apaixonado por Aurélia. Um dia, aborrecido, febril, deixara-se conduzir ao teatro e depois à casa da francesa: ela era bonita, espirituosa, ele aceitara-a, como aceitaria qualquer

outra, nas mesmas condições. Amava, sem esperança, com desespero, precisava atordoar-se.

Dera a essa mulher jóias, dinheiro, roupas, considerando-a um agradável elemento de prazer e nada mais: o seu espírito não se ocupara, nenhum minuto, com ela, vira-a poucas vezes.

Por uma verdadeira anomalia, *Mlle. X*, que aceitara esse negócio, para distrair-se, queimara-se na chama do sentimento, que empreendera fingir. Sentira por esse homem real arrastamento ocasionado pela sua superioridade e pela indiferença, que ela adivinhara sob a sua polidez: a sombra corre após o corpo — Salvador fugia e ela seguia-o.

Essa mulher sofrera o mais que podia sofrer em suas condições e, muitas vezes, chorara loucamente entregue ao nervosismo, que a minava: pedira ao moço que a acompanhasse aos teatros, aos passeios em carro, ele recusara. Apesar de suas lágrimas e protestos: enjoado, olhara-a friamente e cumprimentara-a. Compreendendo que não voltaria, ela dissera com voz trêmula:

— Fui castigada, aceitei dinheiro para ser sua amante, servi talvez interesses perversos e só tive o seu desprezo!

O que diz? Inquirira Salvador, com olhar cintilante.

Ela contara-lhe o que se passara com Sabina Mazerolle, pronunciando-lhe mesmo o nome, pois havia indagado e soubera quem era e que lugar ocupava na sociedade.

Falara-lhe também na alusão que Sabina fizera à paixão secreta de Salvador e concluíra, dizendo que o crime e o despeito haviam-na, talvez, levado a lançar mão de tais meios para perdê-lo no conceito de outra mulher.

Ouvindo-a, Salvador refletira e compreendera que devia ter sido isso mesmo: não podendo prendê-lo, Sabina procurara vingar-se: desprezou-a mais do que até então!

Erguera-se e, apertando a mão da atriz, dissera:

— Adeus! Conte comigo em qualquer circunstância! e saíra para não voltar.

Sabina perdera os dois contos de réis, inutilmente, pois o moço portara-se perfeitamente e todos ignoraram que ele tenha ido à casa de *Mlle. X*, e ela tivera de pagar a aposta com Ambrosio Tomas, entregando-se a ele e quase morrera de raiva pela derrota que sofrera.

*Mlle. X*, para vingar-se, perseguiu-a todo o tempo que se conservou na corte, com exigências de dinheiro.

Para extorquir-lhe grandes quantias, ameaçava recorrer a Cesar Mazerolle e Sabina, desesperada, cedia sempre, tendo questões com o marido, não sabendo o que inventar para justificar tantas despesas.

Só respirou, quando a francesa embarcou e amaldiçoou a sua fatal vingança, tão inútil e caramente paga!

Lançara-se ao desvario, procurando esquecer Salvador, a quem amava e odiava e que somente houvera podido regenerá-la pelo amor.

Sentira verdadeira alegria, quando ele partira para Europa e tremera de ira, ao vê-lo, de volta, no baile de Zélia, mais apaixonado que nunca por Aurélia.

# IX

Alguns dias, depois da chegada de Salvador, Zélia preparou-se para uma *soirée*, onde sabia que Aurélia não iria; aprontou-se cedo, querendo passar parte da noite com a amiga.

Introduziram-na em um elegante gabinete, cheio de flores e o conjunto do que viu maravilhou-a.

Aurélia, abatida, tocava uns romances sem palavra de Mendelssohn[13], divagando e alheia à terra; Joaquim Augusto lia, junto a uma mesa, cheia de álbuns, livros, cadernos e Raul estudava: esse lar casto, tranqüilo, onde o rumor exterior chegara amortecido e tímido, lembrou-lhe a naturalidade das telas de Paulo [sic] Rembrandt[14] e seus olhos umedeceram-se. Fora isso também o sonho da sua vida; nascera para as alegrias santas, para a maternidade e via-se sem família, sem conchego, forçada a viver na agitação das festas, sentindo-se deslocada: Joaquim Augusto

[13] Felix Mendelssohn (1809-1847) compôs 48 *Romances sem Palavras* (Lieder ohne worte) durante sua vida. São peças breves, tidas como melancólicas e refinadas.

[14] Rembrandt van Rijn (1606-1669) renomado pintor de retratos holandês.

saudara-a alegremente, Aurélia foi-lhe ao encontro e ela beijou o menino, com ternura.

— Agradeço-lhe muito ter vindo ver-me, disse Aurélia.

A baronesa sorriu meigamente, tomou-lhe a mão e, sentando-a a seu lado disse:

— Não posso passar muito tempo longe de si! Tocava, quando entrei e parecia que a sua alma voava em melodias plangentes! Continua sempre melancólica? no entanto, Deus encheu-a de tantos bens! Sabe? ao entrar, extasiei-me diante deste ninho puro, afetuoso e senti aquecer-se-me o coração! como é feliz em ter entes que a amam, dourando-lhe a vida! e também quanto é digna desta ventura!

Falando assim, Zélia comovera-se e sua voz tremia.

Aurélia, pálida, conchegou-a ao seio, beijou-a com efusão e disse:

— É verdade! sou feliz em viver entre meu pai e meu querido... irmão!

Raul correu a ela, afagando-a e sentiu lágrimas umedecerem-lhe a fronte.

— Choras? inquiria ele.

— Hoje estou nervosa, disse ela, sorrindo.

— Aurélia, continuou a baronesa, estava encantador este cantinho do paraíso, mas incompleto ainda: faltava o escolhido do coração, o companheiro...

Não pode concluir: Aurélia, lívida com as feições descompostas, erguera-se e, com voz calma, contrastando com a alteração do seu semblante, disse:

— Zélia sinto-me perfeitamente [(..] já habituou-se à idéia de ver-me *vieille fille*[15]: se me tem amizade, não volte mais a esse assunto, sim?

Joaquim Augusto sorria, enquanto ela falara e, ouvindo-a terminar acrescentou:

— Aurélia tem razão, Sra. baronesa, não posso eximir-me de feroz egoísmo e sinto-me feliz, quando a vejo refratária ao casamento.

Penso mal, talvez, porém, francamente, à senhora, que a estima, pergunto: haverá muita gente que a mereça ou compreenda?

— Oh! Meu pai! O teu amor cega-te! disse a moça corando.

— Em parte o Sr. tem razão, respondeu Zélia, mas creio que haja no mundo algum ente privilegiado, digno de ombrear com ela, adorando-a e amando-a, exclusivamente!

— Bom, disse Aurélia, felizmente ainda não apareceu e quando aparecesse... mas deixemos esta conversa e venha ouvir um pouco de música.

Tocou, durante muito tempo, com paixão, arrebatamento e dor: seguia uma idéia, que, ora tentava repelir, ora acariciava.

---

[15] Solteirona; mulher que atingiu ou passou da idade madura sem se casar; em sentido pejorativo de idéias estreitas ou vida monótona. Em francês no original.

A baronesa ouvia, com as pálpebras um tanto cerradas, contemplando-lhe a cabeça, idealmente bela, o perfil suave, o porte airoso e suspirava, perguntando a si mesma, o que poderia atormentar semelhante criatura, feita para amar e ser amada!

Desanimada, renunciando a falar mais claramente à amiga sobre Salvador, despediu-se e foi a *soirée*, onde a sua presença causou alvoroço.

Antes da sua chegada, a rainha da festa era uma gentil menina, primavera em forma de mulher, risonha, com a alegria da esperança.

[...] tinha 15 anos, e fazia a sua estréia nessa noite, colocando-se ao lado das mais belas constelações da sociedade fluminense de então.

Era linda e só tinha o defeito de ser jovem: a moça não desabrochara inteiramente e mostrava-se ainda menina petulante.

Os pais bem podiam retardar a sua aparição, mas esperavam muito da sua beleza e tinham pressa de vê-la arranjada.

É o expediente dos que têm numerosa prole!

Zélia trazia longo vestido de cetim preto, ondulante, bordado de vidrilhos, deixando-lhe parte do colo a descoberto e um ramo de rosas pálidas ao lado esquerdo do peito.

A melancolia sombreava-lhe o olhar, de ordinário, límpido e altivo.

Não quis dançar: o som da valsa causava-lhe tristeza, a luz fazia-lhe mal, o perfume das flores sufocava-a: tomou o braço de Ambrosio Tomas e dirigiu-se à outra sala mais vazia.

Pouco depois, apareceram diversas pessoas e entre elas Salvador.

Formou-se um grupo elegante, onde se conversava com espírito! Sabina Mazerolle também aí se achava e, depois de dizer muitas coisas um tanto picantes, acrescentou:

— Querem saber o que penso, quando vejo alguma solteirona recusar casamento?

Todos compreenderam que ela fazia alusão à Aurélia: Zélia fitou-lhe o olhar chamejante, Salvador empalidecera, horrivelmente: a perversa não os perdia de vista e continuou:

— Pois bem! julgo que esse horror ao himeneu[16] é causado por algum defeito inconfessável e humilhante!

— E eu, disse gravemente Zélia, julgo que essas recusas são, muitas vezes, provenientes do receio de escolher para companheiro da sua vida inteira um homem sem sentimentos, depravado e vil! Mais vale só que mal acompanhado!

— E eu, disse Salvador, com aspereza, acho que é preferível a mulher viver solteira a casar para ludibriar e manchar o nome do homem bom confiante e cego, que tira-a da miséria, dando-lhe riqueza e que, apesar de tornar-se mãe, desconhece os santos deveres, que a maternidade impõe!

— Bravo, Salvador! exclamou Ambrosio falaste muito bem! sou da tua opinião.

Sabina lançou-lhe um olhar de víbora e seguiu o seu par de polca.

---

[16] Enlace matrimonial; bodas.

Com seriedade cômica, Ambrosio Tomas disse:

— Como é edificante a apologia do matrimônio, feita pela Sra. Mazerolle! Se o marido a ouvisse falar ficaria radiante, como quando a vê valsar com o Magalhães, o Simões e Montperrey! Uma gargalhada geral acolheu-lhe a mordaz observação: a própria Zélia quase sorriu, Salvador conservou-se taciturno e, pouco depois, retirou-se, apertando a mão da moça, com uma espécie de reconhecimento. Ele vira quando ela se indignara e quanto estimava a amiga: a baronesa acompanhou-o com a vista, tristemente e profundo suspiro saiu-lhe do seio opresso.

No salão, onde se dançava, Ambrosio, Zélia e outras moças conversavam: Sabina passou, ouvindo blandícias de um néscio, que lhe dava o braço: parou junto a Tomas e disse-lhe, designando o seu cavalheiro:

— Este Sr. acha-me avara, diga-lhe, meu amigo, que está em erro!

— Oh! sem dúvida; a senhora peca mesmo pela prodigalidade! exclamou Ambrosio, todo grave.

Zélia mordeu os lábios para não rir e as suas companheiras imitaram-na: decididamente Tomas era inexorável.

# X

Havia um ano que se achava na corte, como ministro plenipotenciário da Áustria, Luduvico Philippe, conde de Cobentzel, homem de quarenta anos, de fino trato e distinção.

Era descendente de Luiz, conde de Cobentzel, diplomata austríaco, que fora embaixador em Copenhague, em Berlim, e em São Petersburgo. Negociara a liga da Rússia, da Inglaterra e da Áustria, contra a França em 1795; depois dos preliminares de Leoben, fora o negociador da Áustria, em Udine, com o general Bonaparte e formara a paz, denominada de — Campo-Formio — 1797 e de Lunéville em 1801[17].

Em seguida, fora chanceler e ministro dos negócios estrangeiros pedindo permissão, depois da paz de Presburgo, em 1805, e só vivera mais quatro anos morrendo em 1809.

---

[17] Todas as referências são ao final da primeira campanha de Napoleão Bonaparte. O Conde de Cobentzel negociara a liga contra a França que foi derrotada pelos exércitos de Napoleão. O Conde conferencia em Udine depois da vitória espetacular da França contra os austríacos na Itália (1196-97); quando os franceses estavam quase as portas de Viena, os austríacos negociaram a Paz de Leoban e a seguir assinaram o tratado Campo-Formio. Pelos austríacos quem assinou foi o Conde, pelos franceses o general José Bonaparte. O tratado de Presburgo em 1805, é decorrência dessas derrotas.

Elegante, bem parecido, falando diversos idiomas, rico e amável, Ludovico era procurado, adulado, mostrando-se nos principais salões: não pode conhecer Aurélia, impunemente, amou-a e demonstrava-o a todo momento. Ela fazia justiça aos seus atributos e passavam longas horas conversando em alemão, língua que ela falava, corretamente.

Alguns meses depois da chegada de Salvador, o conde de Cobentzel pediu a mão de Aurélia e Joaquim Augusto, que orgulhou-se e afagou a idéia de ver a filha unida a esse homem de tanto merecimento, mostrou ao conde toda satisfação, que sentia e prometeu falar à moça.

Aurélia ouviu essa proposta, sem a mínima alteração na fisionomia, sem que o coração palpitasse mais rapidamente. O que lisonjearia à mulher mais exigente, deixava-a quase indiferente: tinha apenas, compaixão daquele espírito, que sabia achar-se preso à sua imagem.

— Recuso! disse ela simplesmente.

— Minha filha, observou o pai, esse homem é digno a todos respeitos e serias uma condessa adorável! é um capricho de tua parte?

— Recuso, porque não o amo; reconheço quanto deverá ser feliz a mulher, que ele escolher e sinto que tivesse a desdita de me amar! É inútil insistires, não aceitarei! Esse pedido não me surpreende, de há muito o esperava, à vista do que experimentava por mim.

Dize-lhe que agradeço a distinção que me faz, escolhendo-me para consorte, mas que tenciono conservar-me solteira.

— Farei o que desejas, mas não sei se procedes acertadamente: eu te acompanharia com Raul por toda a parte e ver-te-ia amada como mereces!

— Se eu fosse suscetível de seduzir, fugiria de ti! vai, deixa-me e resigna-te à minha vontade, disse ela, sorrindo e beijando-o.

O pobre pai estava vencido, saiu, contrariado e dirigiu-se à casa do conde afim de lhe dar a resposta, ansiosamente esperada. Ludovico recebeu-o, com muita amabilidade, o que mais embaraçou o visitante, pois é desagradável dar uma notícia a quem nos trata bem: enfim, cobrando ânimo, repetiu-lhe as palavras da moça.

O conde tornou-se de mortal palidez, erguendo-se e passeou agitadamente pela sala.

Joaquim Augusto seguia-o com a vista, comovido, simpatizando ainda mais com ele: melhor do que ninguém compreendia o desespero do homem, a quem, Aurélia negava amor e ternura!

Pouco depois, o conde sentou-se outra vez a seu lado: duas lágrimas sulcaram-lhe as faces: eram nobres, viris, elevaram ainda mais esse homem altivo, abatido, um momento, por violento pesar.

O tufão verga as árvores seculares e parece despedaçá-las, mas após a rajada, os galhos voltam à primitiva posição, desafiando e esperando novos abalos. Assim sucedeu ao conde de Cobentzel: curvou-se, um instante, ao desespero, reergueu-se, eternamente ferido, porém resoluto e calmo.

— Sinto, extremamente, disse ele, não poder unir minha vida à de sua filha e desejo que, se algum dia, resolver casar, encontre no homem escolhido o amor, que soube inspirar-me! Adeus, senhor!

Joaquim Augusto apertou-lhe a mão e saiu triste: contou à filha o que se passara, ainda impressionado, Aurélia comoveu-se deixou a sala e foi para o jardim: chegou ao gradil, que dava sobre a praia; o tempo transformara-se, o céu plúmbeo era atravessado pelos coriscos, o trovão roncava lugubremente, o mar encapelara-se, as ondas vinham de longe alterosas, flutuantes, quebrando-se, com fúrias, contra as pedras: a ressaca lançava a água por cima do parapeito e Aurélia tinha as roupas molhadas.

Insensível a tudo, contemplando o sublime-horroroso espetáculo da tempestade, sentindo as lágrimas gelarem-se-lhe nas faces pela ventania louca, entregue à mágoa de saber que alguém padecia por sua causa e ao desespero de um amor tenaz, delirante, que devia abafar e matar!

— Meu Deus! dá-me forças, dizia ela, erguendo os olhos para o céu escuro, medonho, semelhante ao seu destino e chorou, até sentir-se aliviada, voltando à casa, quando a chuva caía copiosamente.

# XI

— Immer! Immer![18]

E uma voz harmoniosa, que fê-la estremecer, acrescentou:

— Immer!

Voltou-se e viu Salvador, sorrindo, docemente e dizendo:

— Tem também dessas lutas? ... tenta banir uma idéia importuna, que volta sempre?... pobre senhora! lastimo-a porque conheço esse tormento!

Aurélia encarou-o, receosa e disse, com aparente indiferença:

— Devaneios loucos! sem importância!

— Ah! exclamou Salvador, olhando-a de modo singular e, mudando de tom acrescentou:

— Não encontrando criados e vendo as portas abertas, ousei entrar: demais, sabia que a encontraria, porque falei com pessoas, que daqui saíram.

[18] Sempre! Sempre! Em alemão no original.

Ela sorriu-lhe e saiu da janela, voltando ao salão, onde a luz era viva: ele notou-lhe a palidez, a alteração do semblante, o vestígio da lágrima e sobressaltou-se.

Por que choraria ela?

Ia falar-lhe, quando Joaquim Augusto entrou, mostrando satisfação em vê-lo, pois era uma diversão à impressão desagradável, que lhe deixara Ludovico: conversaram sobre várias causas e ajustaram ir juntos, no dia seguinte, ao bota-fora do conde de Cobentzel.

Ao sair, Salvador sentia-se inquieto, ora duvidando, ora afagando a hipótese de ser amado. Uma voz íntima dava-lhe esperança, sugeria-lhe probabilidades de ventura, mas a sua modéstia, a obstinação da moça em conservar-se solteira desanimavam-no e recaía em cruel desalento. Padecia muito, era atormentado à essa criatura, seu cérebro só tinha uma função — ela, ela e sempre ela!

Era preciso tomar uma resolução qualquer; o seu organismo já ressentia-se desse estado febricitante e intolerável!

# XII

As estrelas somem-se no horizonte e os primeiros clarões do dia não tardam a despontar: Aurélia, pálida, desfeita, em desalinho, é a imagem da vigília. Velara longas horas junto ao leito de Raul, a chorar, orando, blasfemando quase: o menino constipara-se, sobrevindo uma febre, que degenerara em tifo. De sete em sete dias, tivera uma crise e nessa mesma noite, esperara-se a última, a decisiva e a pobre moça contara os minutos pelo pulsar do seu coração desesperado.

Às duas horas, o menino agitara-se, sentara-se na cama, aflito, às voltas com abundante hemorragia nasal: depois acabou-se, a febre cedeu e dormiu seguidamente. Joaquim Augusto abatido, velava também e sofria, cruelmente, com receio pelo filho idolatrado e com o desatino de Aurélia: ele viu quanto era extraordinário o amor que ela votava ao irmão.

Zélia passara muitas noites, cuidando do menino, obrigando-a a descansar um pouco, mas no fim de uma ou duas horas Aurélia surgia junto ao leito, lívida, com fisionomia de louca, devorando Raul com o olhar, beijando-lhe as mãos, umedecendo-as de lágrimas.

A baronesa compreendeu que ela enlouqueceria se o irmão morresse e orava, pedindo a salvação da criança.

Nessa noite, vendo-o mais calmo, Aurélia, sempre solícita, pediu ao pai que se acomodasse um pouco. Joaquim Augusto morria de cansaço, levantou-se, contemplou o filho e, voltando-se para ela, disse:

— Se necessitares de alguma coisa, chama-me.

Aurélia olhou-o com tamanha expressão de terror, julgando que o pai referia-se à morte de Raul, que ele tomou-lhe as mãos, vivamente, dizendo:

— Estás louca?! Se o menino não estivesse mais calmo e se eu não o julgasse melhor, crês que cederia à fadiga, que me prostra e deixá-lo-ia um só momento?

— Oh! balbuciou a moça, beijando-o, perdoa-me, estou alucinada! e caiu sobre uma cadeira, chorando copiosamente.

— Acalma-te, disse-lhe o pai, do contrário fico.

Ela enxugou os olhos e aproximou-se da janela, enquanto Joaquim Augusto saía.

O que essa pobre mãe sofreu, derramando lágrimas, abafando os soluços, arrancando os cabelos, ajoelhada, trêmula de dor, de receio, de cansaço, não se descreve. Deus ouviu-a talvez: a voz da mãe enternece à própria divindade e obtém o que é negado a todas as outras vozes suplicantes da terra.

Orando, chamava pelo filho, evocava essa curta e adorável existência, via-o, desde o primeiro sorriso, seguia-lhe os passos incertos, decifrava-lhe o balbuciar incompreensível; mais tarde,

respondia, com paciência à sua insaciável curiosidade, encaminhando-lhe o espírito, insuflando a própria alma nesse corpinho débil, rosado e encantador!

Perdida em íntima contemplação, a mísera esquecera a agonia presente, mas, fitando o leito, a realidade surgiu medonha e esse ser, feito de amor, lágrimas, sacrifícios e dores apareceu-lhe ameaçado pela implacável morte.

— Não! meu Deus! deixa-me meu filho! exclamou ela, arrebatadamente, erguendo-se com ímpeto e correndo para junto do menino.

A lâmpada apagara-se e a claridade do dia infiltrava-se pelas gelosias[19], deixando ver bem os objetos. Aurélia chegou-se mansamente a ele, ouvi-lhe a respiração regular, mirou-lhe o rosto abatido, com embevecimento e sentou-se no tapete, apoiando o queixo na mão fechada, fitando o filho. Quando ele abriu os olhos, olhando sem ver, ela falou-lhe meigamente, sorriu-lhe, deu-lhe remédio: às sete horas, o pai voltou ao seu posto, achando o doente calmo.

Zélia apareceu pouco depois, correu ao leito, sossegou à vista do menino e estremeceu, notando a alteração do semblante de Aurélia: pedindo que repousasse um pouco, ficando em seu lugar, como enfermeira, mas a moça recusou, declarando que ficaria até a vinda do médico. Às nove horas, chegou ele, e, depois de examinar o pequeno, sorriu e, dirigindo-se a Joaquim Augusto, disse:

---

[19] Grade de ripas pouco abertas, tipo de persiana, que guarnece algumas janelas para impedir que luz e calor penetrem o interior da casa.

— Seu filho está livre de perigo; a crise foi decisiva e ele teve a fortuna de escapar.

Aurélia correra para o médico, tomara-lhe as mãos e fitava-lhe o olhar de um brilho selvagem, pronunciando palavras sem nexo, com a voz presa, pálida, soltando afinal uma gargalhada horrível, terminada em soluço e caiu redondamente no chão.

O médico era o Dr. Gomes, que assistira, havia nove anos, ao parto de Aurélia, recebendo em seus braços esse mesmo inocente, acabava de salvar: melhor que ninguém compreendia o que se passava no coração da pobre mãe e tratou-a com desvelo.

Quando tornou a si, ela não conhecia pessoa alguma, ardia em febre intensa, dizia coisas incoerentes, estava momentaneamente louca.

Joaquim Augusto chorava, vendo-a assim, mas o médico afiançou-lhe que esse estado passaria, e que era devido ao excesso cerebral, causado por grande comoção.

O próprio Dr. Gomes instalou-se à sua cabeceira e só deixou-a, quando viu-a livre de todo perigo. Zélia tratava de Raul, contente em ser útil, tendo carinhos maternos e adorável solicitude.

Joaquim Augusto dividia seus cuidados com Aurélia e Raul: era de temperamento forte, do contrário adoeceria na convalescença dos filhos.

Durante esse tempo, Salvador ia todos os dias saber dos doentes, deixava seu cartão e procurava a baronesa de Avelar para ter notícias especiais.

Zélia contou-lhe o que se passara e ele teve ciúmes desse menino a quem Aurélia dedicava tamanho afeto e compadecia-se das dores; que ela padecera.

Refletiu em tudo que ouvira e uma expressão singular desenhou-se em seu rosto pálido ergueu a cabeça, os olhos brilharam passou a mão pela fronte, de frio e suor e balbuciou:

— E se assim fosse?!

Uma lágrima ardente resvalou por sua face contraída.

De dedução em dedução, combinara mil incidentes, estudara os olhares, os afagos que Aurélia dispensava a Raul e uma idéia medonha, pavorosa, atravessou-lhe o cérebro.

Seu filho?!

Oh! admitindo essa hipótese, tinha-se a explicação daquele amor entranhado e daquela aversão ao casamento!

Mísera! quanto deveria padecer!

Leal e amante, condenara-se ao isolamento perpétuo para não trair o seu segredo, nem iludir a quem lhe votasse amor!

Seu coração sangrou por não poder mais conceder à Aurélia a primitiva pureza, com que a envolvera em seus sonhos febricitantes; mas prezou-a duplamente, sabendo que era infeliz.

Sentia necessidade de vê-la; apertava as mãos com frenesi, querendo vencer aquela vontade inabalável, desejando revelar o que julgava ter adivinhado e não ousando fazê-lo.

— Meu Deus! inspira-me! exclamou ele.

Tomou o chapéu e dirigiu-se à casa de Joaquim Augusto.

Introduziram-no em uma saleta, contígua aos aposentos de Aurélia, retiro encantador, onde ela estudava e meditava.

Havia um piano a um canto, divãs, cadeiras de balanço, banquinhas, almofadas, mesas com papéis, músicas, desenhos, álbuns.

Era uma hora da tarde, o sol brilhava, as janelas, dando sobre o jardim, estavam abertas e a brisa, saturada de perfumes, entrava agitando as cortinas, afagando a convalescente, pálida, abatida, reclinada em uma *chaise-longue*[20], envolta em roupas alvas, cheia de rendas e bordados: na cabeça tinha uma touquinha branca, faceiramente colocada, presa por fitas azuis. Zélia estava ao seu lado, contemplando-a. Raul brincava a pouca distância, ainda magrinho e [...].

Ouvindo anunciar Salvador, Aurélia enrubesceu e abriu inteiramente os olhos fatigados.

Vendo-a mais bela do que nunca, pois havia alguma coisa de tocante em sua pessoa, assaltado ainda pelo receio de perdê-la, Salvador teve ímpeto de ajoelhar-se e mal pode balbuciar algumas palavras. Ela sorriu-lhe, suavemente, com sorriso triste dos doentes que estiveram perto da morte e olhou-o, com seus grandes olhos, impregnado de imensas saudades, estendeu-lhe a mão: sentiu que a dele tremia e estava gélida.

Raul abraçou-o, retribuindo-lhe os beijos e os carinhos. Conversaram muito tempo e Aurélia manifestou desejos de ouvi-lo tocar. Seguindo o impulso da sua melancolia e achando Chopin

[20] Espreguiçadeira; em francês no original.

mais meigo e brando para os ouvidos de uma convalescente, tocou diversos noturnos e algumas valsas plangentes do divino poeta.

Reinava profundo silêncio; Raul estava habituado a ficar sossegado, quando se tocava; a saleta era interior; a hora, a da sesta e na própria natureza havia uma espécie de delíquio[21].

O sol, como que deixara-se ficar no vértice; os insetos dormitavam no seio das flores; os passarinhos conservavam-se imóveis nos galhos das árvores.

Aurélia cerrara as pálpebras, embalada pelo canto dorido dessa música indefinível: lágrimas doces corriam de seus olhos; Zélia quis falar a Salvador, ela impediu-a com o gesto. Ouvindo um soluço, ele aproximou-se e viu-a chorar loucamente: esqueceu tudo, ajoelhou-se, perguntando o que tinha, segurando-lhe as mãos, com a voz trêmula.

Ela acalmou-se, sorriu, dizendo:

— Senti grande enternecimento, devido, sem dúvida, ao meu estado e peço que não se aflijam.

Ele beijou-lhe a mão, despediu-se de Zélia e apertou Raul em seus braços: logo que desapareceu, o menino beijou Aurélia, perguntando:

— Por que chora Salvador? Olha molhou-me os cabelos.

Aurélia cingiu vivamente a fronte da criança e beijou-a, sorvendo as lágrimas do moço. A luz fez-se no cérebro de Zélia e viu que a amiga amava Salvador e que esse homem estremecidamente querido, poderia ser feliz.

---

[21] Desfalecimento.

Uma alegria santa iluminou-lhe o olhar, despediu-se de Aurélia, saiu entrou na primeira igreja, que encontrou: ajoelhou-se, sorriu para a doce imagem de Jesus e agradeceu-lhe a ventura de Salvador.

No céu, os anjos sorriam também a essa mulher bela, boa, perdida nesse templo, nos degraus de um altar, regozijando-se com a felicidade de outrem, achando nisso compensação a tudo que lhe faltava na vida!

O sol, esbatendo-se nos vidros coloridos da catedral, derramara uns reflexos vivos sobre a linda criatura, a qual ergueu-se ofuscada, sentindo o coração aquecer-se com essa espécie de bênção celeste.

# XIII

Em gabinete reservado, no hotel Bragança, havia uma ceia de rapazes e damas do *demi-monde*[22]. Entre os homens temos um conhecido Ambrosio Tomas, sempre jovial, forte, rivalizando com os jovens, dos quais poderia ser pai. O menu era delicado, os vinhos, mais ou menos falsificados, faziam o seu efeito, a companhia atraente, a temperatura agradável (...) que durara todo dia.

Esses homens pertenciam à melhor sociedade, o que não quer dizer que fossem todos bons: uns eram aceitos pela elevada posição do pai ou pela riqueza, outros pela habilidade em insinuar-se ou pelo cinismo em afrontar tudo e alguns por seu verdadeiro merecimento e qualidades.

Quando o champanhe fervia nas taças, João Alberto bateu com o punho sobre a mesa, reclamando silêncio. Ele era médico, sem clínica, vivendo de expedientes misteriosos, bonifrate[23], ignorante, falando sobre todas as coisas, com o menor desembaraço, emitindo

[22] Grupo de mulheres cortesãs, de costumes equívocos e dos que as freqüentam; circulo de pessoas de reputação duvidosa segundo padrões dominantes. Em francês no original.

[23] Fantoche, títere.

como suas as opiniões alheias: sem a mínima noção de moral, cético por convenção, zombando e duvidando do que é grande, elevado e digno de respeito.

Esse prestadio cidadão divertia-se com as mulheres a quem se paga, fingia-se perseguido pelas paixões ardentes das senhoras da alta classe e afagava a esperança de casar com o dote de alguma menina das melhores famílias de fazendeiros.

Receberia uma criatura boa, ingênua, disposta a amá-lo, trazendo-lhe bem estar, fortuna e ela dar-lhe-ia a sua preciosa pessoa, com algumas restrições, acompanhada de muitos ternos de roupa de diferentes feitios e cores da Casa Raugnier[24], sólido conhecimento da superioridade de uns fumos sobre outros e da destreza em atar graciosamente a gravata!

Com certeza a noiva ficaria melhor aquinhoada e ele teria o prazer de ser magnânimo!

— Senhores! disse com voz avinhada, sabem que tive o dissabor de ser rejeitado pela Aurélia e estou disposto a crer no que diz, a seu respeito, a Sra. Mazerolle!

Ambrosio Tomas indignou-se e disse:

— Admiro a tua ousadia em fazer semelhante pedido!

Aurélia não quis tornar-se condessa de Cobentzel, recusou unir-se a homem como Ludovico e casaria contigo?

[24] Casa que vestia os homens elegantes do Rio de Janeiro, Rui Barbosa, por exemplo, e que aparece em vários dos romances da época como adjetivo de elegância.

Uma gargalhada geral acolheu estas palavras: esses caros amigos vingavam-se nesse momento, da petulância e dos ares triunfantes do belo João Alberto. Ele tornou-se rubro de cólera e exclamou:

— Se ela foge do casamento é porque talvez tivesse de corar ante o marido!

— Cale-se! isso é uma indignidade e bem mostra que não tem uma irmã! replicou Thomaz.

Excitado pelo vinho e pela reprovação, que merecera, olhou causticamente para Ambrosio, dizendo, com cinismo:

— Não guardo rancor à essa solteirona; se ela resolver casar, procurá-la-ei, quando tiver editor responsável e será, então, mais humana!

Agora, tenho em vista, outra maravilha. Querem apostar comigo, em como serei brevemente amante da baronesa de Avelar, a inexpugnável?!

Ambrosio empalideceu e teve ímpetos de esbofeteá-lo.

— Pretendes assaltar essa Malakof[25]? perguntou a loira Rosita.

— Ora! Malakof como qualquer de nós! Replicou a quarentona Vanda. É questão de tempo ou de habilidade!

— É verdade! disse uma desdentada com pretensões ao romantismo, essas senhoras da alta classe sabem fazer-se rogar.

---

[25] Malakof era uma fortaleza que resistiu muito tempo durante a guerra da Crimeia. O nome tornou-se sinônimo de resistência, tomada difícil.

— Não são como vocês, que se rendem à primeira escaramuça! observou (...)

— Sim, mas essas dengosas tem reversos medonhos e fazem pagar bem caro os seus favores! disse uma megera de cabelos vermelhos.

— Ora! exclamou um estudante, nós homens gostamos das dificuldades e demais o que é bom custa caro!

— Há de ser muito difícil, disse um oficial da marinha, até hoje ninguém ousou falar dela e não há probabilidade de seres bem sucedido. Acho melhor desistires e livrares-te assim de um fiasco ou de coisa pior!

— Por exemplo — uma sova de pau! disse um gaiato

As mulheres riram estrepitosamente: algumas vezes, essas pobres parasitas vingam-se desses homens, que as desprezam intimamente, arruinando-se por elas e cobrindo-as de jóias, menosprezando-os a seu turno e sem piedade.

Vendo que Tomas nada dissera, João acrescentou:

— Todos nós sabemos o que é o barão de Avelar e a mulher de um homem naquelas condições tem o direito de seguir os seus instintos, a menos que não seja néscia e faça justiça ao espírito de Zélia! Amanhã, começarei o cerco e a praça render-se-a submissa e, talvez, feliz!

Ambrósio soltou uma gargalhada, insultante de dúvida e escárnio, dizendo, com desprezo:

— Pobre João Alberto! causas-me dó!

— Ora, meu velho, replicou João, com mau modo, queres, agora, fazer de mentor, quando nos acompanhas em todas as orgias? ou tens também pretensões sobre a mulher, de quem lhe falo?

— Sou um solteirão, divirto-me, passo a vida o mais alegremente possível, mas sinto-me incapaz de uma má ação! Quanto á pretensão a que se referiu, afirmo-lhe que nunca me passou pela idéia erguer os olhos para a baronesa, senão, afim de contemplar-lhe a beleza, [...] viver, mas, respeito e compreendo a virtude e a elevação de certas criaturas! Minha mãe era uma mulher honesta e tive uma irmã! disse Tomas com dignidade e firmeza.

Havia tal acentuação de verdade nas palavras de Ambrósio, o que dissera de Zélia correspondia tanto ao que todos adivinhavam nela, que a convicção penetrou facilmente naqueles espíritos: lendo-lhes no pensamento, Ambrósio acrescentou:

— Andem prevenidos, observem e depois dir-me-ão qual de nós dois tem razão.

No dia seguinte, Tomas teve ímpetos de contar à moça o que se passara, mas sentia que este ente privilegiado não poderia nivela-se à vulgaridades dos seu sexo, prestando atenção a um desfrutável, perverso e vil.

Tendo pressa de concluir, João Alberto começou a fazer-lhe uma corte assídua e procurava atrair sobre si as vistas quando tinha Zélia pelo braço ou junto a ela conversava.

A moça nada desconfiava: suportava-o como a muitos outros, cuja conversa causava-lhe náuseas e sonolência, mas a sociedade

impõe semelhantes torturas e é necessário fazer *contre mauvaise fortune bon coeur*.[26]

Achando que o desfecho demorava muito, João Alberto escreveu-lhe uma epístola das mais ardentes e expressivas. Lendo-a, Zélia admirou-se da insolência e da presunção desse pobre espírito, amarrotou-a, chegou à lâmpada e, vendo-a reduzir-se à cinzas, murmurou:

— Esse miserável enlouqueceu!

Ele trazia os amigos a par de todos os seus passos e esperou, ansiosamente, a resposta: procurou Zélia em toda parte e não encontrou-a. Dias depois, havia uma reunião em casa do ministro de estrangeiros e João Alberto foi cedo, sabendo que a baronesa iria.

Às dez horas, os salões estavam cheios e Zélia entrou: Ambrósio Tomas, junto à uma janela, rodeado pelos companheiros de João Alberto, curiosos pelo resultado da aventura, olhava, esperando adivinhar o que se passava no espírito da moça. Ela chegara ao meio do salão seguida por todos os olhares, bela, calma, graciosa: João Alberto adiantou-se ao seu encontro, sorrindo. Ela empalideceu, ligeiramente, medindo-o dos pés á cabeça, com soberano desprezo e deu-lhe as costas.

Todos viram-lhe o olhar e o gesto e compreenderam que aquele homem merecera-o pelo aniquilamento em que ficara.

Ambrósio exultou de alegria e rindo, ruidosamente, disse ás testemunhas da sua contenda com João Alberto:

---

[26] Não se deixar abater pelos reveses. Em francês no original.

— E, então, camaradas? ganhou ou não?

Eles fizeram caretas e murmuraram:

— Que papel desgraçado fez ele! eu não quisera estar-lhe na pele! ei-lo a esquivar-se, foge!

Ambrósio correu até a escada e, vendo-o descer os últimos degraus, gritou-lhe, zombeteiramente:

— *Povéro*[27] D. Juan!

Voltou à sala e contou então à Zélia tudo que se passara: ela sorriu, dizendo:

— Agradeço-lhe por ter compreendido que era inútil prevenir-me.

Ambrósio apertou-lhe a mão, viu-a afastar-se, seguiu-a com a vista, até que desaparecesse, suspirou, murmurando:

— Se eu pudesse amar alguém, amaria esta mulher adorável!

[27] Pobre, expresso com ironia; em italiano no original.

# XIV

Aurélia recuperara forças, voltara ao que era, antes da enfermidade, via Raul corado, alegre, perfeitamente restabelecido: estava tranqüila, quanto à vida do menino, mas a paixão voraz, que lhe devastava o seio, chegara ao apogeu e ela resolveu fugir para longe. Imperava sobre o pai, sabia que ele faria tudo que lhe fosse agradável e a sua fortuna proporcionava-lhe meios de viver em qualquer parte, sem receios de apreensões, iria, pois de muda para Europa.

Lá, talvez conseguisse atordoar-se ou morrer de saudade: em todo o caso, a mudança de vida, de costumes e novos conhecimentos distrairiam-na, obrigando-a a fixar a idéia em outras coisas.

Partiria, mas adiava sempre a ocasião de falar com o pai sobre esse assunto: uma voz íntima segredava-lhe que essa viagem seria inútil, pois certos sentimentos assemelham-se ao cancro. Embora se corte a parte afetada, ele reaparece em outro lugar: para extirpá-lo seria necessário eliminar do sangue o vírus, como também para matar o amor, que a minava, seria, preciso arrancar-lhe o coração. A noite estava tépida; a aragem agitava o cimo das árvores, os pirilampos passavam como diamantes ambulantes; o mar

iluminado pelo luar tinha reflexos argênteos; a espuma serpeava por entre as pedras musgosas da praia.

O olhar perdia-se no infinito, ao ouvido chegava o ruído das vagas, o murmúrio de vozes longínquas e o som de algum piano entoando suave melodia, inspirada por esta noite de suprema quietação, propícia ao amor, ao devaneio, à saudade!

A alma desprendia-se da terra e das grandes aspirações da vida, em demanda de uma existência de gozos inefáveis, de prazeres inocentes, de contemplação estática. A mente evocava o passado, a infância, essa fase de candura e riso e a lembrança do que se perdeu, do que não pode voltar oprimia o coração e umedecia a pálpebra. A ilusão, intimamente afagada, surgia ainda mais tentadora e vivaz ao espírito, que alimentara e a perspectiva de um futuro de venturas perenes apresentava-se ante os olhos deslumbrados.

Aurélia sentia tudo isso, apoiada ao gradil, que dava para o mar, adoravelmente bela, em suas roupas amplas, leves, alvas, tendo descoberto a nascença do pescoço e parte dos braços, admiráveis de forma, livre de pulseiras, terminando em mão aristocrática se emergindo de mangas curtas, cheias de renda. Os cabelos, presos um pouco sobre a nuca, deixavam admirar a sua formosa cabeça, um tanto pendida, onde se agitava uma grande luta.

Joaquim Augusto fumava, há pouca distância, calado, entregue também ao influxo desse esplêndido luar. Raul subira até a casa pela necessidade de locomoção, que tem toda criança: de repente, voltou, correndo e dizendo:

— Papai, aí está Salvador.

Andando em correria pela sala de jantar, ouvira tocar a campainha, seguira o criado, reconhecera Salvador e exclamara:

— Entre, venha, estão no jardim. E arrastara o moço, que o seguia satisfeito, com o coração pulsando fortemente. Joaquim Augusto apertou-lhe a mão; Aurélia, ao vê-lo, estremeceu.

Conversaram e, pouco depois, vieram chamar Joaquim Augusto, porque alguém desejava falar-lhe: Raul, curioso, seguiu o pai. Salvador compreendeu que devia aproveitar essa ocasião de estar a sós com a moça e disse, com voz tremula:

— Aurélia, há cinco anos que a amo, loucamente! ... falei-lhe, um dia, em unir minha existência à sua, mas via-a tão transtornada, que resolvi calar-me! ... fugi para a Europa, tentei esquecê-la, fiz tudo para isso e cada vez sentia aumentar-se o seu poder e a inutilidade dos meus esforços!... voltei e compreendi que me era necessária à vida!... soube que recusara casar com Ludovico e exultei de alegria, por um momento: nessa noite, em que ele despedira-se surpreendi-a em cismas e ouvi-a murmurar *Immer! Immer!...* Chorara, eu via-lhe os vestígios das lágrimas, quis falar-lhe e não tive ensejo!... quando vim vê-la, ainda convalescente, notei a sua emoção e compreendi que me amava!... oh! não o negue, por piedade!... olhe, tenho refletido muito, procurei reconstruir o seu passado, povoando-o de crises inauditas, desgraças e dores e cheguei talvez a uma conclusão!

A moça pálida, agitada, olhou-o com angústia, erguendo as mãos suplicantes.

Ele tomou-as entre as suas, umedeceu-as de lágrimas e, fitando-lhe o olhar leal, meigo, ajoelhou-se-lhe aos pés, dizendo, com voz sumida:

— Perdoe-me o que sou obrigado a dizer-lhe, Aurélia!... Embora em seu passado houvesse uma falta, embora essa criança... Raul... a quem vota tão entranhado amor, fosse seu ... Oh! perdoe ao meu desespero ter adivinhado tanto!... Pois bem! ainda assim, ama-la-ei do mesmo modo, considerando-a a mais pura das mulheres, adorando-a como uma mártir, orgulhoso em dar-lhe o meu nome!... Oh! não abandone, não mate ao homem que a ama, com tamanho extremo!... Não fuja à ventura, entregue-se ao afeto, que também sente, sejamos felizes, adorável criatura!

Aurélia sentia a razão vacilar-lhe no cérebro, tremia como a folha, batida pelo vento, bebia, avidamente essas palavras, que a compensavam de tantos pesares, de tantos desgostos!

Contemplou, ardentemente, esse ente idolatrado, ainda mais belo pelo amor e pelo devotamento, que lhe iluminavam a fronte e, com voz rouca, trêmula, anelante, disse:

— Promete não tentar devassar esse passado medonho? amar meu filho? guardar no fundo d'alma esse segredo, ignorado até por meu pai, pois Raul será sempre meu irmão?! promete? jura?

— Pela memória da minha mãe juro-o! disse Salvador erguendo-se.

Aurélia chegou-se a ele, contemplou-o com indefinível expressão de amor, carinho e reconhecimento, tomou-lhe a mão, levou-a aos lábios, murmurando:

— Sê abençoado, tu, cujo afeto soube adivinhar, compreender e perdoar! Amei-te, logo que te vi e amar-te-ei enquanto viver!

Salvador apertou-a ao coração, beijou-lhe a fronte, os olhos, as faces, murmurando:

— Como sou feliz! quanto te amo! Ela deu-lhe a mão, encaminhando-se para casa: encontrou o pai no salão, d'onde acabava de sair a pessoa, que o fora procurar. Ele parou, surpreso, vendo-a conduzir Salvador e notando-lhe a expressão da fisionomia.

— Trago-te mais este filho, disse ela, sorrindo e designando o moço, queres aceitá-lo?

Joaquim Augusto soltou uma exclamação de alegria e abriu os [braços].

Enquanto isto se passava, Raul apareceu, Aurélia abraçou-o, febrilmente, beijando-o, orvalhando-lhe as faces com suas lágrimas. A criança olhava para todos, estupefata: Salvador tomou-o ao colo dizendo:

— Sabes vou tornar-me teu irmão, caso com Aurélia, estás contente?

— Oh! muito! muito! disse o pequeno, batendo palmas, abraçando o pai, a irmã e voltando ao moço.

Tendo-se despedido do adorado noivo, abraçado o pai, Aurélia passou pelo quarto de Raul: ele dormia, risonho, sonhando com os anjos, ela contemplou-o longamente, murmurando:

— Meu filho, Deus perdoou-me o teu nascimento, deu-me a felicidade; perdoa-me também por dividir o meu amor: terás mais um ente para proteger-te e adorar-te!

Beijou-o, fechou o cortinado e entrou no seu aposento: não podendo dormir, abriu a janela, deliciando-se com a frescura da noite.

— Santa e adorada mãe, eis-me feliz, sentindo somente a tua ausência, mas teu espírito me acompanha, alegrando-se comigo, como chorava, quando eu padecia!... Pobre mártir, sofres menos? perguntou ela, olhando para o céu.

Uma estrela de grande brilho e tamanho cintilou vivamente: a moça sorriu, como se nisso houvesse visto uma afirmação à sua pergunta e, satisfeita, adormeceu, julgando que a mãe lhe havia respondido.

# XV

No dia seguinte, Aurélia escreveu à baronesa de Avelar, dando-lhe parte do ocorrido: lendo essas linhas, Zélia caiu de joelhos, beijando o papel perfumado, derramando abundantes lágrimas; enfim, ele seria feliz!

Vestiu-se, às pressas, correu a abraçar a amiga, alegre, risonha, bendizendo a Deus, que ouvira suas fervorosas preces.

À tarde, apareceu Salvador, cujas mãos apertou, afetuosamente, entre as suas, felicitando-o e fugindo, afim de não constrangê-lo.

Mal sabia esse homem felicíssimo quanto amor inspirara a essa criatura generosa, leal, boa, que o adoraria sempre, votando-lhe verdadeiro culto, difundindo em sublime altruísmo esse afeto ignorado e grandioso!

Salvador falara a alguns amigos e, à noite, a notícia espalhara-se por toda parte, causando admiração, dando lugar a comentários.

Ambrosio Tomas sentiu real satisfação; era amigo de Salvador, admirava Aurélia, compreendeu que, de há muito, eles deviam amar-se e exclamou:

— Ah! Vejo agora, porque ela rejeitou o conde de Cobentzel: era interessante, mas acho que teve razão em preferir Salvador! Essas mulheres são temíveis!

Dois meses depois, à noite, celebrou-se o casamento, em casa de ... Aurélia desejou continuar a residir em Botafogo e Salvador vendeu a sua bela propriedade no Andaraí.

Zélia, com vestido de cetim branco, tendo rosas da mesma cor no cabelo e no colo, um tanto pálida, sorria docemente, contemplando os noivos.

Aurélia olhava sem ver, entregou-se à sua imensa felicidade, julgando sonhar, desejando não despertar jamais!

Salvador chegara a essa fase de inebriamento, que se assemelha ao idiotismo e a um homem em tal caso não se fala e releva-se tudo. A ventura desses dois entes transparecia-lhe no olhar, na voz, no gesto e consolava o coração daqueles, que os contemplavam, atentos, admirados e encantados.

Joaquim Augusto nadava em jubilo, sorria, fazendo, gentilmente, as honras da casa.

Zélia foi a primeira a retirar-se: entrando em seu quarto, despiu-se, enfiou um penteador, passeando, agitada, horas e horas, tropeçando nos móveis, com as pernas trêmulas, cansadas de tanto movimento.

O rumor exterior cessara, a quietação misteriosa da noite causava-lhe vertigens; abriu a janela, expondo a fronte abrazada à viração e pareceu-lhe ouvir entre as árvores o estalido de fervidos beijos. Fechou vivamente a vidraça, amparou-se à parede: o corpo

tremia, os dentes batiam uns contra os outros, o frio invadia-lhes os ossos.

— Oh! é a febre (...) que me tortura! Que me mata!

E caindo de bruços, chorou loucamente, mordendo o lenço, sufocando os soluços, sem consciência, longo tempo: quando sentiu-se mais aliviada, arrastou-se até o leito, onde adormeceu, tendo cruéis pesadelos.

Após a saída do último convidado, Aurélia beijara o pai, que a estreitara, longamente, ao peito, fora depois ao quarto de Raul, que sucumbira ao sono, entreabrira o cortinado e mirara-o murmurando:

— Abençôo-te, anjo querido: dorme e que teu sono tenha sempre esta placidez! Meu Deus! deixa-me ser feliz, por muito tempo! peço-te pela inocência de meu filho!

Beijou o menino e entrou em seus aposentos: pouco depois, apareceu, *a négligée*,[28] no *boudoir*, cheio de flores, iluminado suavemente, por uma lâmpada opaca e sentou-se no divã de cetim azul. Estava linda, como nunca o fora: o olhar irradiava, a boca sorria, provocante, o busto tinha adorável languidez.

Um roupão alvo, amplo, cheio de rendas, preso à cintura por uma fita cor de palha, desenhava-lhe os contornos voluptuosos, deixando ver a pontinha de uma babucha microscópica, calçando-lhe o pé rosado, fino, macio. As mangas curtas mostravam os braços frescos, ebúrneos, acariciadores; do cabelo, um gracioso

[28] À vontade; em roupas íntimas. Em francês no original.

desalinho, escapara-se um ou outro fio. Cerrara as pálpebras e reclinara a cabeça para trás.

O reposteiro levantou-se, mostrando Salvador, admiravelmente belo, com essa palidez das supremas emoções, tendo o olhar aveludado e a atitude de um eleito, ao entrar na mansão de incomparáveis delícias. Chegou-se a ela, trêmulo; ajoelhou-se, beijou-lhe as mãos, os olhos, as faces, a boca, os braços, os pés, escondendo-os na mãos e, louco, ergueu-a, cingiu-a nos braços, levando-a para a alcova nupcial: antes de entrar, contemplou-a, com ebriedade, dizendo:

— Cara e adorada criatura, amar-me-ás sempre?

Ela cravou-lhe o olhar, cheio de mágicos eflúvios, descansou a fronte em seu ombro, murmurando, docemente:

— *Immer! Immer!*

Oh! Como te amo! disse ele beijando-a e desaparecendo, pro trás das pesadas cortinas.

Ao penetrar nesse santuário de amor e carinho, sentiram na face, como o bafejar de uma aragem: era o ósculo sagrado do Anjo Himeneu.

Escura nuvem velou o brilho da lua, a estrela desmaiou no céu, o silêncio reinou sobre a terra. A aurora, raiando, espancou as trevas, a flor ergueu-se, a brisa afagou-a, o chilrar dos passarinhos quebrou o silêncio e a vida começou.

Um raio de sol infiltrou-se pelas gelosias, zombou das cortinas discretas, iluminou o quarto e beijou a fronte pálida dos recém-

casados: eles abriram os olhos, contemplaram-se, sorriram e adormeceram de novo.

Pouco depois, tiveram ambos o mesmo sonho: viam-se belos, amantes, felizes, reclinados em coxins macios, cetinosos, no fundo de uma gôndola branca, envolta em véus de gaze, recamada de ouro, vagando em azuladas águas, semeadas de boninas. A gôndola corria suavemente por entre as flores, deixando um rasto de safira, com as cortinas agitadas pela brisa perfumada, aproximando-se das margens, ornadas de virente[29] e caprichosa vegetação.

Abordaram, saltaram, ligeiros, sobre a área prateada, andando ao acaso, extasiados com a magnificência de uma natureza desconhecida, saboreando frutos deliciosos, cujos nomes ignoravam, colhendo flores de cores e formas nunca vistas, mirando-se nos regatos, contemplando o céu. Sentiram a beatitude dos eleitos, entreviram as delícias do Éden e suas vozes melodiosas, como sons de harpas eólicas, murmuraram:

— Aurélia! Salvador!

Despertaram, estariam ternamente abraçados: contaram um ao outro o que haviam sonhado e sorriram de modo inefável.

Esse sonho foi o presságio do que lhes reservava a sorte: viveriam [assim] até que a morte lhes cerrasse as pálpebras, afrouxando-lhes os braços, que se desligariam na terra, para se estreitarem, outra vez na eternidade.

[29] Viçosa.

Fim da primeira parte.

# 2ª Parte

## I

São passados quatorze anos, depois dos acontecimentos, que acabamos de narrar: Penetremos em um lindo palacete, nas Laranjeiras, edificado no meio de grande jardim, perfeitamente alinhado e tratado. A casa tem janelas por todos os lados, está mobiliada, luxuosamente; na cocheira estacionam um cupê, um tílburi e um landau[30]; na cavalariça rincham duas parelhas das mais belas cavalos de Buenos-Aires, um alazão e dois russos queimados para montaria e uma elegante égua paulista.

É a residência de Gustavo Alvim, o sedutor de Aurélia, o homem, que lhe amargurara a existência, até que o amor de Salvador a salvasse, dando-lhe alegria e paz.

Cinco anos, depois do nascimento de Raul, Gustavo desposara a filha única de um opulento fazendeiro, realizando assim o seu sonho dourado, tornando-se rico, independente, sem receio do provir, satisfazendo suas paixões, tendo todos os gozos, que a fortuna pode dar.

---

[30] Cupê é antiga carruagem fechada de duas portas, com dois lugares e banco à frente para o cocheiro; tração animal; tílburi é carro de duas rodas e dois assentos com capota, mas sem boléia; puxado por um só animal e landau é carruagem de quatro rodas e dois bancos que se defrontam, coberta com capota removível.

Pouco tempo vivera o sogro e ele vira-se, em breve, livre de constrangimentos, sem ninguém para fiscalizar-lhe o modo de proceder.

A mulher compreendera o papel que desempenharia junto a ele e sofrera em silêncio pelo abandono cruel desse marido, a quem dera abastança e cujo futuro assegurara. Sentindo-se mãe, procurara viver para o ente que se agitava em suas entranhas e, resignada, esperara, com enlevo, o momento de beijar [...] de todas as mágoas.

No fim de nove meses de intoleráveis sofrimentos, dera à luz a uma menina, após um parto laborioso, do qual nunca se restabelecera inteiramente, falecendo três anos depois, cheia de ansiedade por deixar a filha entregue a um pai libertino.

Gustavo casara para ter uma posição na sociedade, não votara à pobre moça a mínima afeição e nem lhe dera uma lágrima de saudade ou gratidão. Encarara-a, apenas, como um elemento de prosperidade em sua vida. Obtivera a riqueza, era sua; a mulher podia, pois, desaparecer!

Alma de lodo, ambiciosa, egoística, tudo desejara, tudo conseguira; mas triunfaria sempre: a sorte caprichosa e vária não o abandonaria, algum dia, depois de havê-lo acumulado de bens?

Entregara a filha à ama, que a criara e via-a somente durante o dia, beijando-a e fazendo-a rir, porque a achava bonita.

Sofia crescera no meio da adulação dos fâmulos[31], da idolatria da ama e do entusiasmo crescente do pai pela sua ousadia, pelos

[31] Indivíduo subserviente.

seus ímpetos e pela sua jovialidade. Cansado, gasto pelas orgias, pela devassidão, avelhantado, Gustavo fora obrigado a ter vida mais regular, recolhendo-se cedo e convivera assim com a filha, assistindo-lhe as lições, orgulhando-se com aquela inteligência, aviventando-se com a exuberância de seiva, esperança e alegria da linda menina.

Ela tornara-se malcriada, voluntária, mas gostava de aprender, queria brilhar, exceder às suas camaradas e projetava triunfos futuros. Aos quinze anos, era uma criatura formosa, sadia, instruída e imperava sobre o pai e sobre todos em casa: nada se fazia, sem o seu consentimento e aprovação.

Gustavo amava na filha a beleza, que sempre o cativara; a saúde, que perdera; a inteligência, a graça e a energia, que lhe haviam faltado e esse aspirar infinito e insaciável da mocidade honesta e crente, que ele jamais conhecera!

Nas longas noites de inverno, sentado em cadeira cômoda, ouvia a voz grave de Sofia falar-lhe mil coisas, contar-lhe os seus desejos, abraçando-o, febrilmente, beijando-o com ímpeto, deixando o trabalho de agulha, para sentar-se ao piano. Tocava regularmente, embevecendo-se com a melodia, cismando, agitando um mundo de fantasias em sua cabeça escultural, altiva, digna de uma coroa.

Forte, caprichosa, senhora da sua vontade, aprendera a jogar as armas, esgrimia bem, atirava ao alvo, montava a cavalo, nadava maravilhosamente. Passeava todas as manhãs no seu alazão, acompanhada pelo pai ou pelo pajem, exercitava-se ao alvo, depois do almoço, em uma sala, pertencente aos seus vastos aposentos e preparada para esse fim.

Aos dezesseis anos, aparecera na sociedade e causara sensação: era bela e milionária: muitos homens apaixonaram-se por ela e pela sua fortuna; mas, a sorrir, rejeitou-os, dizendo-se muito jovem: ao pai, porém, declarara que só casaria com o ente a quem amasse. Durante dois anos, freqüentara bailes, teatros, corridas, estivera em Petrópolis, em Friburgo, em São Paulo, na Europa, em toda parte, onde os ricos acham que devem ir.

Vira, admirara muita coisa, gastara dinheiro, divertira-se, dormindo risonha, calma, despertando alegre, sentindo-se feliz em viver, em ser jovem, e adorada pelo pai.

Na verdade, Gustavo habituara-se à ela, amava-a com o primeiro sentimento do seu coração, até então, insensível e mau, votava-lhe uma ternura selvagem, mesclada de orgulho e entusiasmo.

Às vezes, contemplando-a, empalidecera: o passado acudia-lhe à mente, avivando a lembrança dessa moça, pura, casta, encantadora, digna de ser amada, à quem seduzira e abandonara e o receio do castigo, da pena de Talião, dilacerara-lhe a alma, causara-lhe uma dor surda, semelhante ao remorso, banindo-lhe o sono das pálpebras.

O amor paterno conseguira enfim humanizar aquele coração morto, que só pulsara por ambição e orgulho, inspirando-lhe prudência, carinho e devotamento pela filha. Aos dezoito anos, Sofia conhecera, em um baile, Raul de Sá e, ao voltar à casa, conservara-se cismarenta[32], despedindo-se, maquinalmente: em vez de deitar-se, sentara-se em um divã com o olhar vago e a idéia

[32] Apreensiva, pensativa.

presa. Adormecera tarde, vencida pelo cansaço e despertara pálida, tendo nos grandes olhos a sombra de secreta imagem: desde então, seu caráter modificara-se, falara menos, sorrira apenas e o eco não repercutira mais as suas gargalhadas argentinas.

Gustavo notara essa mudança brusca, sentira verdadeira angústia, vendo-a procurar a solidão, a tocar músicas plangentes, correr loucamente a cavalo, causando-lhe sustos e rir nervosamente, quando ele chegava, exausto e lívido ao lugar, onde ela se achava. Havia dias, em que a via somente ao almoço e ao jantar e outros, em que procurava o bulício e a dança, querendo pela agitação neutralizar o efeito mórbido de uma idéia fixa. Ele adivinhara, com o seu instinto paterno e compreendera que uma paixão tenaz abrasava o seio da donzela.

Procurara descobrir o homem a quem ela amava e, alguns meses depois, pode reconhecê-lo pela palidez e emoção da moça. Continuando a encontrar Raul, Gustavo oferecera-lhe a casa e o moço, também impressionado por Sofia, aceitara o convite e apresentara-se, uma noite, nas Laranjeiras.

Gustavo contemplava a filha, de pé, junto ao piano, folheando partituras: a admiração paterna era plenamente justificada.

Alta, elegante, admirável de formas, misto de força e graça; levemente amorenada; cabelos pretos, ondeados, abundantes; sobrancelhas corretas; olhos enormes, verdes sombreados pelos cílios negros, longos, amortecendo o brilho fosforescente do olhar; boca breve, rubra; dentes miúdos, alvos; pés de criança; mãos finas, macias e a voz de uma sonoridade grave, musical, lembrava as inflexões das grandes trágicas, declamando Fedra, Medeia, Safo.

Era uma soberba criatura, cheia de aspirações, sonhos e esperanças, uma alma enérgica, impetuosa, ardente, capaz dos maiores sacrifícios, da mais sublime abnegação, como também das mais espantosas crimes, se a paixão, a tanto a impelisse, um dia.

# II

A ousadia, a indiferença e o desprezo, que o haviam acompanhado na mocidade, desapareceram, desde que a fibra paterna vibrara-lhe no coração endurecido, afeiçoando-o ao bem, ao justo e a tudo que é elevado.

Os dois jovens, inebriados, nada viam, entregues ao egoísmo do amor, sorrindo, contentando-se com algumas horas de conversa, com um aperto de mão e com sua íntima alegria. Estavam na fase beatifica, em que somente a alma predomina.

Sofia, em noites de luar, mostrava desejos de passear a cavalo e, depois de um momento de ausência, reaparecia com sua saia preta, chapéu alto, calçando as luvas. O pai e Raul acompanhavam-na e subiam, pelo Cosme Velho até Santa Teresa, conversando, banhados pela luz prateada da lua, contemplando a magnificência da natureza, que os cercava. Em noites chuvosas, Gustavo extasiava-se, ouvindo-os cantar duetos: a voz suave e clara de Raul enternecia-o e as notas graves, sonoras de Sofia agitavam-no, fazendo adivinhar um sentir profundo e poderoso.

Raul dissera à moça que tencionava, em breve, pedi-la em casamento, pretendendo falar primeiro à irmã, sem a aprovação da qual nada fazia, desde a infância. Logo que ele saíra, ela tudo

dissera ao pai, sem preâmbulos, com alegria, com a franqueza, que lhe era peculiar. Gustavo beijou-a longamente, feliz por vê-la satisfeita e crente de que nada se oporia à ventura da filha: era linda, boa e milionária.

Só, no caramanchão, com o olhar voltado para o céu, a boca soaberta pelo sorriso, o coração pulsando, docemente, Sofia cismava, longo [...] e madressilvas, bem dizendo Deus, a criação inteira, o pai, a mocidade, o amor e adorando Raul, o pálido poeta dos seus sonhos juvenis. Sentia em seu seio o acordar de desconhecidos frêmitos, um lampejo passava-lhe pelos olhos de esfinge, umedecendo-os e a imagem do moço avivava-se-lhe na mente: o corpo entorpecia-se, a cabeça descaia sobre as saliências do muro e suave suspiro sai-lhe do peito intumescido.

Permanecia assim, alheia ao que a cercava, muitas horas, ideando uma vida futura, cheia de risos, gozos e venturas. De longe, espreitando-a, como um malfeitor, ralado de ciúme, Gustavo revoltava-se contra essa lei natural, que leva o filho a abandonar os autores de seus dias, para procurar outros afetos e outros laços!

Sofria, em silêncio, de modo horrível, mostrando-lhe sempre o mesmo semblante risonho, afagando-a mais ternamente ainda, compreendendo que já ocupava o segundo lugar naquele coração, onde quisera imperar unicamente!

Seguindo os ímpetos da sua natureza, Sofia, ia a ponto de sufocá-lo; ele sorria, abraçava-a, febrilmente, enxugando as lágrimas, adivinhando que ela o acariciava, pensando em Raul, entregando-se ao impulso ardente da adorada lembrança.

E a gentil criança nada via, nada compreendia no ansiar daquela alma amargurada, atormentada pelo remorso, pelo ciúme, pelo abandono!

Estreitava-o nos braços e sentia o palpitar incerto do coração paterno de encontro ao seu seio, exuberante de fé e alegria: vivo contraste da mocidade e da velhice, da crença e da esperança!

Ela começava e ele acabava: ela sorria, docemente, tendo um passado de inocência e pureza, tecendo um futuro de mágicos encantos, ele empalidecia, lutando com o fantasma de irremediáveis culpas, inquieto pelo [...].

Sofia, calma, sorrindo aos anjos, era a esperança; Gustavo trêmulo, temendo o céu, era o crime: por inaudito capricho da sorte o crime engendrara a doce esperança, o bem saíra do mal e o inocente pagaria pelo culpado!

# III

Havia quatorze anos que o barão de Avelar morrera de uma tísica galopante.

Zélia servira-lhe de enfermeira, assistira-lhe aos últimos momentos, cercando-lhe piedosamente os olhos, perdoando-lhe o haver despedaçado sua felicidade e juventude.

Vira-se só, entregue a si mesma, como o estivera, desde o seu casamento e não havia completado ainda trinta anos. Exercera sempre a caridade, aliviara misérias: era o consolo dos que sofriam, acalentava dores com sua palavra afetuosa, com sacrifícios e dedicação: passava, indiferente, pelos que riam; parava, compassiva, junto aos que choravam.

Dois anos, depois de viúva, recebeu uma carta de Sabina Mazeralle, a quem não vira havia muito tempo: imediatamente, fora procurá-la, inquieta pelo modo porque a moça escrevera-lhe. Introduziram-na no quarto de dormir, onde Sabina agonizava, pálida, desfeita, verdadeiro espectro da mulher provocante, garrida, que todos haviam admirado.

Zélia sentiu o coração confranger-se, apesar de não estimá-la, correu ao leito, afagando-a.

Sabina olhou-a longamente e seus olhos umedeceram-se pelo pranto: com voz fraca, disse:

- Zélia, feche as portas e ouça-me.

A baronesa fez o que ela pedira e voltou a sentar-se, tomando-lhe as mãos.

- Zélia, disse Sabina, fui má, fui louca, mas sofri e sinto que vou morrer: confesso-me à si, à melhor das mulheres, confiando-lhe uma sagrada missão, crente de que aceitará. Vivi uma vida aventurosa, cheia de caprichos e só tive um amor profundo – Salvador!...amei-o perdidamente e ele, nem mesmo notou o que eu sentia! desesperada, lancei-me à devassidão...Como sabe, enviuvei, há dois anos e, meses depois senti que era mãe, tendo de sair da corte, temendo o escândalo, pois era-me impossível fazer crer que a criança fosse filha do meu marido, concebendo eu, muito depois da sua morte. Parti, dei à luz a uma menina sofrendo horrivelmente na ocasião do parto, perdendo, desde então as forças e achando-me, hoje, moribunda. Eu fora mãe desnaturada, indiferente, para meus filhos legítimos, mas amo loucamente, essa filha de minha culpa, cujo nascimento custa-me a vida e, não podendo ampará-la, lembrei-me de si, entregando-lha e suplicando-lhe que a ame e proteja como se fosse sua! Sei quanto é generosa sua alma e minha Leonor de nada crescerá, mas desejo legar-lhe alguma coisa, que me pertencesse, peço-lhe que um dia deite-lhe este colar ao pescoço.

Metendo a mão sob o travesseiro, Sabina tirou o estojo, abiu-o, mirou-o murmurando:

-Pérola quer dizer lágrima: essas serão as lágrimas da minha ternura, pobre filha! e beijou, chorando, as três voltas de admiráveis pérolas, que tantas vezes ornaram seu esplêndido colo!

Zélia tomara o estojo, amparara a moça, deitara-a, ajoelhando-se e dizendo, comovida;

- Agradeço-lhe a confiança que em mim deposita e o precioso dom, que me fez. Leonor será minha filha adota-la-ei, Sabina, a grande alegria de ter um ente, a quem amar!

A moribunda sorrira, docemente, beijara-lhe as mãos, entregando-lhe um papel e dizendo:

- Aqui terá a indicação do lar, onde ela se acha...ame-a por mim, com a idolatria, que sinto e Deus a abençoe, Zélia!...adeus!

Em um último suspiro exalara a vida: a baronesa orara, apertando essa mão, que se enregelara, contemplara aquela belas formas, tomando a rigidez da morte, vira as faces, de um moreno de jambo nacarado, empalidecerem, ficando de uma lividez esverdeada. Essa forma rija, muda, em misteriosa imobilidade, era tudo quanto restava da criatura fantástica, bela, culpada, que fora alguém e representara um papel no grande drama da vida!

Zélia, no dia seguinte, procurara Leonor, abraçara-a, beijando a linda inocente, que lhe sorria, estendendo os braços. Tivera a intuição de que encontraria carinho e amor no seio da graciosa mulher que a acariciava.

No batistério, a criança estava inscrita como filha de pais incógnitos; [Zélia adotou-a] preenchendo todas as formalidades requeridas.

Cumpria o que prometera à Sabina e seguira os impulsos do próprio coração: Leonor dormira junto ao seu leito, dando-lhe, ao despertar, o primeiro sorriso e o primeiro beijo, chamando-a – mamã.

Zélia sentira doce enlevo em ser o apoio, a alegria e o futuro desse pequenino ser, vivo, rosado, cândido, que lhe fizera conhecer as venturas da maternidade, enchendo-lhe a existência, incitando-lhe os bons impulsos, a vontade de viver e tornando-a feliz!

Aos cinco anos, Zélia começara a educá-la com imenso carinho: conseguira tudo quanto quisera, pela emulação, pelo poder de seus beijos e sorrisos. Ensinara-lhe português, francês, inglês, chamando mais tarde professores de desenho, música, italiano e alemão. Leonor era inteligente, meiga e seria uma linda moça: completara treze anos, estava desenvolvida, estudava com prazer, cantando, desde a manhã, até a noite.

A baronesa contemplava-a com alegria, achando-se compensada de um passado de tristezas, sonhando com radiante futuro para a menina, julgando que Sabina, na eternidade, sofreria menos, à vista do contentamento da filha.

# IV

Havia um grande baile no Cassino Fluminense e todo o *high-life* dera-se *rendez-vous*[33], no seu esplêndido salão. Às onze horas, a animação reinava em toda parte; t*oilettes*[34] luxuosas e deslumbrantes perpassavam sob os lustres, as pedras preciosas cintilavam, rivalizando em brilho com os lampejos felinos dos olhos brasileiros.

Zélia, bela como outrora, sem um vestígio sequer dos quatorze anos, que lhe haviam passado pela fronte, sorria com o mesmo encanto, conservava a mesma elegância e somente alguns fios de prata destacavam-se no meio de seus negros cabelos.

Sofia Alvim valsava com Raul, tendo as pálpebras cerradas, com sorriso voluptuoso, soberba, em seu vestido de cetim branco, amoldando-lhe as formas esculturais, com uma rosa branca, tímida e casta, ocultando-se nas opulentas madeixas da sua formosa cabeça, lembrando as da Sibila de Cumas.

À meia noite, apareceu uma criatura ideal, prendendo a atenção de todas.

---

[33] E toda a alta roda, em inglês no original, marcara um encontro, em francês no original.

[34] Vestimentas, vestes. Em francês no original.

Era de mediana estatura, alvura de neve; na face o palor da vigília. A boca triste, nos olhos grandes, pretos, rasgados, um olhar profundo e as olheiras abatendo-lhe o semblante de indefinível expressão.

Trazia longo vestido de cetim *mauve*, com rendas brancas, violetas naturais no colo, nos cabelos e no ramo, que lhe pendia da mão. As espáduas e os braços de incomparável pureza, emergiam do corpete elegante, indiscreto, mostrando o cetinoso de sua carnação mórbida, pálida, tépida. Era a imagem suave da melancolia deslizando docemente [...] vertiam-se os outros atordoavam-se: ela preferia deixar transparecer o que sentia.

Não dançou; passeou pelas salas, ouviu a voz de seus cavalheiros, sem prestar atenção ao que diziam, com o espírito absorto em idéia fixa, aturdida pela música, pelas luzes, pelo calor. Chegou-se à Zélia, beijou-a, esboçando fugitivo sorriso e sentou-se a seu lado.

A baronesa olhou-a atentamente e franziu as sobrancelhas: ia dirigir-lhe a palavra, quando a moça, designando Sofia, que passava, disse:

- Essa menina é?!...

- Sofia Alvim, respondeu Zélia, notando a lividez da sua interlocutora, que murmurou.

- Como é bela! meu Deus!

- Renata, disse a baronesa, o que tens?

- Pois não compreende que é ela, que ele pretende desposar! Exclamou com ímpeto.

- Vamos ao *toilette*[35], estás muito perturbada! disse Zélia, erguendo-se e dando-lhe o braço.

Renata obedeceu e, passando junto a um homem de cabelos brancos, distinto, disse:

- Meu amigo, desejo retirar-me; estou incomodada!

Ele empalideceu e correu à procura do sobretudo.

Ajudando-a a embuçar-se na manta, Zélia murmurou:

- Renata, julguei que já te houvesse resignado! então? o que é isso?

A moça riu nervosamente e, escondendo as palavras, com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos, disse:

- Hei de ficar boa, afirmo-te...ora! verás!...

Zélia chegou-a, vivamente à si, sorveu-lhe as lágrimas com os lábios e estremeceu, vendo o fulgor sombrio daquelas pupilas, onde a loucura e o crime se estampavam.

- Renata, disse ela, prometes ir ver-me, amanhã, ao meio dia, em minha casa?

- Prometo...respondeu a outra, hesitante.

- Juras: pela nossa afeição? insistiu Zélia.

A pálida criatura sacudiu a cabeça para afugentar doloroso pensamento e respondeu, firmemente:

- Juro!

---

[35] *Toilette* aqui designa os vestiários e sanitários femininos. Em francês no original.

A baronesa beijou-a, dizendo:

- Esperar-te-ei!

..... .....

Renata era a gentil menina, que vimos estrear em um baile, no esplendor dos quinze anos.

O pai, pobre empregado público, honrado, laborioso, acabrunhado pelo peso enorme de grande prole.

Educara os filhos como pudera, depositando toda a sua esperança na beleza das meninas.

A sorte equilibra, às vezes, os seus dons: à moça pobre dá formosura e graça, à rica fealdade e doença; baseia o futuro da primeira em seus atrativos e o da última em seu dinheiro.

Chegam ambas ao mesmo fim, por diferentes caminhos.

Quando viu as filhas em estado de casar, o pai de Renata levou-as à toda parte e começou a dar *soirées*, em sua casa, convidando muita gente, endividando-se, fazendo prodígios de habilidade.

Seu desespero, em pescar genros, foi enfim coroado de feliz êxito: freqüentou-lhe a casa Luiz José Mendes, ex-fazendeiro, com sólida fortuna, maior de cinqüenta anos, o qual enamorou-se, perdidamente, pela mais velha das mocinhas, Renata, linda, inteligente, adorável nas suas vinte primaveras.

Luiz José pediu-a em casamento: ouvindo essa proposta, Renata fez uma encantadora momice, irritando-se um pouco, porém o pai prorrompeu em uma fala eloqüente, onde o amor paterno mesclava-se ao egoísmo, demonstrando o que seria do futuro da família, se ela e as irmãs não tivessem o bom senso de aproveitar o

melhor partido, que se oferecesse. A mocidade e a beleza desaparecem, dizia ele e as moças pobres devem cuidar de si, amparando também os irmãos, por morte dos pais.

Renata compreendeu o que esperavam dela; a ninguém amava e, evocando a imagem de Luiz José, viu um homem grave, distinto, ilustrado, afetuoso, comedido em seu amor, muito aceitável, apesar de seus cabelos brancos, que lhe davam mesmo certo realce, junto à uma noiva, radiante de beleza e mocidade: sorriu e aceitou-o.

Luiz José prevenira o futuro sogro, de que desejava dar o enxoval à noiva, deixando o cuidado de ver o que fosse necessário à mãe de Renata, como mais entendida. A digna senhora exultou e pos em prática o ditado – aproveita, enquanto Braz é tesoureiro[36] - enroupando a sacra família, à custa do generoso Luiz José, sem escrúpulos, calma, acreditando cumprir um dever.

Renata desposou-o e, daí alguns meses [...] sinceramente, penhorada por seus desvelos incessantes, [...] seu afã em adivinhar-lhe os desejos, sua felicidade, ao vê-lo sorrir.

Há no afeto dos homens de certa idade incomparável carinho, devido, talvez, à desconfiança de si mesmos e à pratica da vida, em saber quanto pode prender e encantar à mulher um gesto, uma meiguice ou uma boa palavra!

Durante anos viveu tranqüila, sem que a sombra de um mau pensamento perturbasse a serenidade de sua alma angélica e reconhecida: apoiava-se, mansamente, ao braço amigo e protetor de seu marido.

---

[36] Aproveita enquanto pode.

Em um desses dias, em que os anjos adormecem no céu, esquecendo de velar pelos seus irmãos da terra, Renata conheceu Plínio da Silva e seu coração virgem, ingênuo e crédulo, tremeu-lhe no seio: era o estremecer ingênito da ave medrosa, ao divisar voraz milhafre[37]!

Amou-o com profundo sentimento com o ardor de uma alma apaixonada, delirante, capaz de todos os sacrifício, grande, leal, martirizada pelo remorso, pela deslealdade, em que teria de viver, entre a afeição santa, que votava ao marido e o arrebatamento de um amor infinito.

Plínio amou-a pela força de repercussão, que só em ter os afetos grandiosos e a pobre moça entregou-se-lhe, sacrificando reputação, tranqüilidade, ofendendo ao homem que tudo lhe dera e cujas carícias torturavam-na.

Pálida, trêmula, impregnada ainda dos beijos do idolatrado amante, devorava lágrimas de vergonha, remorso e pesar.

Arrependia-se de haver casado sem amor, de ter atendido às sugestões paternas, de se haver vendido e maldizia essa riqueza, que lhe proporcionara tantos gozos! esquecera, não sentira o coração, ele vingava-se cruelmente, imperando sobre todas as considerações, calcando os bons impulsos, tornando-a indigna, ingrata e vil!

Sua vida era lenta agonia, sem consolo, sem remédio, sentindo que não poderia viver sem esse amor, que a cobria de opróbrio aos próprios olhos.

---

[37] Gavião.

Conhecera Zélia no bom tempo, na época feliz, em que seus grandes olhos refletiam a paz da sua alma e ligaram-se estreitamente, apesar da diferença de idade. À ela contou a sua falta e todos os esforços da baronesa, para fazê-la quebrar essa ligação, foram inúteis.

Havia muito tempo, que Renata se lançara ao abismo, dando ao amante tudo quanto podia dar-lhe, quando, um dia, ele declarou-lhe ver-se obrigado a romper, porque era pobre e o pai lhe aconselhava um casamento rico. Notando a alteração das feições da moça, ele tomou-lhe a mão gélida, dizendo que, depois de casado, voltaria a ela, à quem somente amara e amaria.

Erguendo a cabeça ao peso da afronta, disse, com voz sibilante:

- Não volte, seria inútil!...esqueça-me, seja feliz!

Movido pela beleza de Renata e pela dor, que se ocultava sob suas palavras, Plínio aproximou-se vivamente, tentando afagá-la. Ela recuou, encarou-o, friamente, dizendo com altivez:

- Adeus!

Ele curvou a cabeça e saiu: ela caiu sobre uma cadeira, lívida, louca, murmurando:

- Sempre o dinheiro!...a ambição [...] amor e matou-me!...O ouro tudo pode dar, diziam-me, por que não me tira, então este desespero?!... por que não reabilita aos meus olhos o miserável, a quem amei, loucamente?!...Oh! quanto padeço! Meu Deus!...tu amaste a pobreza e eu quis ser rica: castigaste-me e me abandonas!...mas vê quanto sou pobre, nesta maldita opulência! e um riso hediondo sacudiu-a da cabeça aos pés, desfigurando seu

peregrino semblante, contorcendo sua mimosa boca, em horrível crispação nervosa.

Zélia procurou consolá-la, viu-a mais calma e julgou-a resignada, mas enganava-se. Era o alquebramento, depois de um grande abalo e no qual haveria forças para revoltar-se, duplamente, mais tarde. Indagou e soube que Sofia Alvim era a escolhida pelo amante, vendo-a nesse baile, a dor ressurgia horrorosa de sua alma dorida. Ignorava que Sofia amava Raul e que jamais pertenceria a Plínio: mas, embora o soubesse, a ferida estava feita, ele preferira deixá-la, viando o dote de outra mulher!

Zélia leu-lhe no olhar a resolução trágica, que ela havia tomado e pedira-lhe uma entrevista para o dia seguinte. Renata iria, satisfaria à amiga, adiando, apenas, o suicídio, que lhe aparecia, como o descanso e a paz!

# V

No dia seguinte, pálida, desfeita, Renata entrou no *boudoir* de Zélia, que a esperava: ao vê-la, ergueu-se, abraçou-a, conduzindo-a ao divã, onde sentaram-se e disse-lhe:

- Renata! por que desejas matar-te? tua religião, teus deveres para com Luiz José vedam-ate essa loucura!

- Como sabes que me quero matar? inquiriu a moça.

- Li essa resolução no fulgor do teu olhar e na crispação de tua face! Morrer!...desaparecer! enlutar a alma dos que te prezam e por quem? Por um ente desprezível! exclamou Zélia com azedume.

- Oh! não morrerei por ele, mas sim pelo sentimento profundo, que me abrasa ainda, pelo amor, que lhe votava e que não poderá extinguir-se!...Conheces a minha vida, sabes que não havia amado e que esse afeto arrastara-me a tudo, calando os gritos de minha consciência!...Sou realmente culpada, por me haver entregue a esse amor?! não o sei! Censurem-me, desprezem-me os fortes, que pudessem permanecer dignos, nas minhas condições!

Zélia contemplava-a, com tristeza, tomou-lhe a mão e disse:

- Julgas que só tu tens passado por esses transes e que outras mulheres não padeceram as mesmas dores?

- Que me importa o pesar alheio! Respondeu Renata.

- Oh! não te faças má! e se alguém, a quem estimas, houvesse sofrido muito?...eu, por exemplo?

Renata envolveu-a em rápido olhar, [...].

Duvidas: achas-me tão fútil ou tão sobre-humana, que pudesse, impunemente, passar pela idade das ilusões e dos sonhos, sem deixar pedaços de mim mesma na estrada da mocidade: Não leste na mudez do meu semblante, na tristeza do meu sorrir, a história de muitas magoas e martírios?...Ouve-me! meu pai casou-me com a riqueza do Barão de Avelar; encontrei no homem que desposara, um ser vicioso e repelente; fui casada seis meses, apenas!...

Podes calcular o que sofri, vendo-me ligada, para sempre, a um ente a quem desprezava, com a vida despedaçada, sem esperança, sem futuro! Tinha a liberdade de aviltar-me; nem pensei em tal, prezava-me demasiado e não teria ânimo de imolar-me nos pedestais do vício e da abjeção! Repeli mil afrontas e injúrias, ocultos sob bonitas frases e protestos de afeição, e caminhei, incólume, por alguns anos!

Um dia, conheci um homem superior, digno de toda a adoração, e amei-o, com todos os ímpetos e delírios de um coração virgem, apaixonado e ferido pela sorte!...Pois bem! ele não me amou e ignora até hoje, quanto lhe votei, quanto padeci e como procurei torná-lo venturoso! Não podendo ser feliz, não me sendo permitido dar-lhe a vida, amei nele a humanidade inteira, depurei a alma em atroz padecer, tornei-me melhor e sou felicíssima por vê-lo sorrir de alegria junto a mulher idolatrada, a quem uniu a existência.

Vivi, aliviando misérias, enxugando lágrimas: na gratidão dos beneficiados, no sorriso dos moribundos, nos beijos dos órfãos, cujo futuro amparei, eu só via o meu ídolo, a imagem do homem que dera grandeza à minha alma! E o meu amor foi sempre ignorado, nunca teve a mínima satisfação; não saiu do meu coração, senão hoje, para mostrar-te o caminho, que tens a seguir!

Imita-me, consagra tua vida ao bem, ao homem que te amou sempre e de quem não te podes queixar.

Enquanto Zélia falava, Renata sentira em sua alma ardente a repercussão desse sentir elevado, grandioso, cuja força, havia atraído outrora o seu espírito, arrastando-a irresistivelmente, pra a baronesa de Avelar. Compreendera a causa do aperfeiçoamento moral daquela mulher: só o amor produz semelhantes resultados: Santa Tereza demonstrou-o bem, nessa frase: "Se satanás pudesse amar, deixaria de ser mau."

Na alma das mulheres, verdadeiramente superiores, há um fundo de emulação, sempre vivo, sensível, pronto a entrar em ação, desde que seja estimulado! Renata era uma criatura generosa, apaixonada e Zélia a síntese do que há de mais sublime nos sentimentos humanos: uma completaria a outra, curando-a e amparando-a. Quando a baronesa calou-se, envolvendo-a em triste e carinhoso olhar, Renata abraçou-a, febrilmente, dizendo:

- Zélia, salvaste-me; serei forte, farei o que quiseres! sofrerei muito, mas expiarei, assim, a minha falta, a minha deslealdade para com meu marido! Quero que, um dia, me abraces, achando-me digna de ti e da tua afeição! Estás contente? crês em mim?

# VI

Naquele mesmo dia, Sofia acordara risonha, com as impressões [...] de Raul segredar-lhe encantadoras promessas, ciente de que ele falaria à irmã sobre seu casamento.

Passara o dia, febrilmente, estremecendo ao toque da campainha, ao rodar de qualquer carro, ora inquieta, ora sorrindo, docemente, de seus infundados temores.

Soube que uma senhora procurara o pai, desconfiara de que essa visita tinha relação com suas esperanças e refugiou-se em seu quarto, achando muito longa essa conferência.

De suas janelas vira um vulto de mulher entrar no *coupé;* com o coração a pulsar fortemente, esperou que a viessem chamar, da parte de Gustavo.

Vendo passar as horas, sua inquietação aumentou e foi ter com o pai o qual acabava de erguer-se para ir falar-lhe: notando a decomposição de seu rosto, a moça tomou-lhe as mãos, dizendo:

- O que tens? sofres? o que sucedeu?

Gustavo contemplava-a, com o olhar úmido, comovido, sentindo o coração apertado como em um tomo. Sofia

compreendeu que ele a lastimava, pareceu-lhe que o teto desabava sobre a sua cabeça, mas dominando-se, exclamou:

- Essa senhora era a irmã de Raul?...falou-te? o que te disse ela? fala! e, violentamente, arrastou o pai para o sofá, deixando-se cair, como massa inerte.

- Disse-me que não pode realizar-se o teu casamento! balbuciou Gustavo.

- E por que? inquiriu a moça ofegante.

- Porque...porque ele é teu irmão...

- Meu irmão! exclamou Sofia, levantando-se, de um ímpeto, pálida, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas, sentindo-lhe a razão vacilar-lhe no cérebro. Então...é teu filho?...dize...conta-me tudo, eu o quero!

Vencido pela necessidade de falar e pela exaltação da filha, Gustavo passou várias vezes as mãos pelos cabelos, arranjando-os, procurando coordenar as idéias e disse, com voz sibilante, sentindo os joelhos tremerem, juntando as mãos súplicas:

- Oh! minha filha! perdoa-me, se recai sobre ti o peso da minha falta!...Outrora na minha mocidade, fui cético, ambicioso e extravagante. Encontrei em meu caminho uma criatura bela e digna, que me amou: seduzi-a e desse crime nasceu um filho. Era Aurélia! Disse-me que sentia-se mãe, mas duvidei, julgando que fosse um ardil para obrigar-me a desposá-la! Fora um capricho em minha vida; eu queria riqueza e ela era, então, pobre; abandonei-a!...Mais tarde, casei-me, enviuvei e tu me transformaste, me deste vigor à alma, fazendo vibrar o amor paterno em meu peito!...Muitas vezes, depois, tremi com a idéia do castigo e, apesar

da minha regeneração, dos meus tormentos, das minhas lágrimas, ele surge, hoje, implacável, ferindo-te, filha adorada!...A mãe de Aurélia salvou-a, adotando Raul, dando-lhe o nome do marido e eis a razão, porque não adivinhei quem ele era! Alegrei-me mesmo com o pensamento de uni-lo a ti, pois julgara assim redimir o passado! Perdoa-me! tem resignação, és moça, tens muito que viver, encontrarás, um dia, outro homem a quem poderás amar!...Então Sofia, não falas?...por que me olhas assim?!...

Enquanto Gustavo falara, a moça de pé, devorando-lhe as palavras, concentrara toda a sua vida no ouvido, com a respiração rápida, a boca seca, sentindo o latejar das artérias, suportando violentíssima dor no coração, tendo manchas lívidas no rosto.

O horror, a vergonha, a compaixão e o desprezo passaram-lhe, sucessivamente, n'alma, sem alterar a imobilidade de sua face marmórea, nem a fixidez de suas pupilas ardentes, quase ferozes: era a imagem estupenda da desesperação!

Ouvindo as últimas palavras do pai, seu olhar amorteceu-se, tornando-se frio, o semblante conservou-se lívido, com os lábios brancos, dizendo surdamente:

- Deu-me a vida, tinha o direito de tirá-la, matar-me! e encaminhou-se para a porta, com andar de espectro.

Gustavo caiu de joelhos, estendendo-lhe as mãos, exclamando loucamente:

- Oh! não me fales assim! perdoa-me, parece que já não existo para ti!...ouve-me Sofia!...

Ela voltou a cabeça, olhou-o com indiferença, murmurando:

- Preciso estar a sós! E saiu, sem atender aos soluços do pai, fechando-se em seus aposentos.

.....

Durante muito tempo, passeou pelas suas salas e quartos, sem pensar, sem queixar-se, repetindo somente o nome de Raul. Maquinalmente, entrou no *boudoir*, tépido, rescendendo o seu perfume favorito, em graciosa desordem.

Sobre o divã estavam as flores e o vestido, com que fora ao baile, na véspera; no tapete os sapatinhos de cetim; no *toillete*, as pedras, as luvas e o lenço.

Contemplou aquilo tudo e um sorriso cruel e irônico passou-lhe pelos lábios. Sentou-se, olhando e inventariando aqueles adornos, que lhe falavam dele; a cintura do vestido tivera a pressão suave de seus dedos, no vórtice da valsa; seu hálito embaciara as pérolas e agitara as pétalas das flores do cabelo e do colo.

À imagem de Raul, sua imaginação voltou a esse passado tão risonho e recente, perdendo-se em devaneios, retraçando todas as alegrias, todas as esperanças, esquecendo, momentaneamente, o raio que lhe despedaçara a vida!

De repente, recordou-se: um grito de dor saiu-lhe do peito e ergueu-se como uma leoa. Amaldiçoou a existência, a mocidade, o amor, o pai, causa de todo o seu martírio, batendo com a fronte pelas paredes, (...)

Ao desespero sucedeu o aniquilamento e caiu sobre uma almofada, avistando ao longe a sua imagem, refletida no espelho. A

infância surgiu-lhe na mente e a mísera viu desfilar ante seus olhos tristes, esses anos de risos e festas, de contentamento e calma.

Acompanhou, dia por dia, o aumento da idolatria do pai pela sua pequena individualidade, o seu orgulho e a sua ventura, contemplando-a, nessas noites longas de inverno, em que conversavam, à sós, ouvindo a chuva estalar no mármore do terraço. Que saudade pungente e amarga desse tempo, desse pai, então, amado, imensamente!

- Oh! murmurou ela, por que me fizeste conhecer doçuras e carícias, se devias esmagar-me depois?!

E uma lágrima ardente resvalou-lhe pela face mimosa, pálida como lírio.

Depois, a medonha realidade apoderou-se do seu espírito, torturando-a, mostrando-lhe que jamais seu coração pulsaria por outro, visto ser-lhe impossível esquecer Raul. Aproximou-se, lentamente do espelho e mirou-se, dizendo:

- Achavas-me muito bela, não posso ser tua, ninguém me possuirá! E sorria, lugubremente, à sua imagem, vendo as lágrimas caírem-lhe dos olhos.

Com gesto de deusa irritada, despiu-se, ficando seminua, no esplendor da sua formosura; desprendeu inteiramente os cabelos, que a encobriam toda, penteou-os, prendeu-os, com arte, ornando-os com as flores, que estavam sobre o divã.

Espartilhou-se, vestiu-se, como estivera no baile, deitou o colar de pérolas, calçou os sapatos de cetim, contemplou-se dos pés à cabeça, murmurando:

- Serei a noiva da morte!...e, em noites de lua, sorrirei em meu frio túmulo, meu doce amor! Oh! Raul! por que te amei tanto? exclamou com soluços na voz.

Depois sacudiu a cabeça, segurou a cauda do vestido e dirigiu-se à sua sala de armas. Percorreu com a vista todos esses instrumentos de destruição e escolheu um pequeno revólver com cabo de madrepérola.

- Muitas vezes, eu disse que era um tanto rapaz, vou prová-lo, murmurou, com triste sorriso.

Com o mesmo passo firme, voltou ao *boudoir*, queimou as cartas e as poesias que o noivo lhe dera, apagando o bico do gás, porque o dia começava a raiar.

O relógio marcava cinco horas, menos dez minutos, os passarinhos ensaiavam uns pios prolongados e o orvalho brilhava nas folhas das árvores, o horizonte tingia-se de uns tons róseos dourados. Sofia procurou uma posição cômoda no divã, com os olhos fitos nos ponteiros, empunhando a arma, baixando com a mão esquerda o corpete do vestido e sentindo o palpitar do coração.

Não tinha saudade da vida; de que lhe serviria ela, desde que não pudesse viver com Raul! sorria mesmo à idéia da morte, aniquilando-a, destruindo-lhe o padecer!

Quando bateu a primeira pancada das cinco horas, cerrou as pálpebras e desfechou o tiro: a arma escapou-lhe das mãos, o corpo teve um impulso como para erguer-se, os braços destenderam-se e a cabeça caiu sobre as almofadas.

Sua mão exercitada não errara o alvo, atingira seu pobre coração!

A luz pálida do dia iluminou esse corpo escultural, ainda tépido, um tanto rijo, praticamente recostado, amoldado pelo níveo e cetinoso vestido, mostrando a pontinha do seu pé andaluz.

A formosa cabeça pendia um pouco para o lado, a boca soabria-se, o semblante conservava a sua pureza e a face a calma habitual.

Parecia ter voltado de uma festa, adormecendo de fadiga: na verdade, podia ser essa a imagem de seu rápido perpassar na terra.

Voltara da festa – a vida e adormecera, fatigada, no seio da morte!

Poderias lá, ao menos, dormir tranqüila?

Quem sabe!

# VII

Gustavo, depois da saída da filha, caíra em profundo desânimo, [...] procurando um amparo moral ao desespero que o oprimia.

Mil pensamentos dolorosos cruzavam-se em seu espírito e um receio vago, que se acentuava de momento a momento, apoderou-se de sua alma, torturando-a.

Ergueu-se, de mansinho, foi escutar às portas dos quartos de Sofia, fazendo muitas vezes esse trajeto.

Pela madrugada, exausto e julgando-a adormecida, sucumbiu à fadiga, caindo em uma modorra, cheia de visões cruéis e mortificantes: ao estrépito da detonação, levantou-se espavorido e, soltando gritos, correu aos quartos da filha.

Encontrou alguns criados assustados, dirigindo-se para o mesmo lado que ele. As portas estavam fechadas e resistiam aos seus esforços desesperados: depois de muitos abalos, conseguiram arrombar a da sala de armas e seguiram o desventurado pai.

Alucinado, atravessou salas e quartos, sem nada encontrar; penetrou enfim no *boudoir*, estacando ao ver o horrível espetáculo.

Apertou o coração com as mãos, sentindo-o estalar no peito e correu ao divã, com os olhos arregalados.

Caiu de joelhos, contemplou-a, com desvario, reparando no filete de sangue, a manchar-lhe o vestido, no tapete, na expressão calma daquele semblante adorável; tomou-lhe a mão, estremeceu ao senti-la gelada e deixou-a cair.

Quis beijá-la e recuou, horrorizado com aquela frialdade, baixou [...]. As faces tremeram, a fisionomia contraiu-se, as feições distenderam-se, os olhos encovaram-se e soltou uma gargalhada estrídula, medonha, irritante, fazendo estremecer os fâmulos, que o cercavam.

- Ferida! ferida! ferida! exclamava, contorcendo-se, soltando gritos agudos, debatendo-se nos braços, que o sustinham.

Estava louco, perdido pra sempre, sem afetos, sem alegria, tendo eternamente, no cérebro desmantelado a imagem horrível da filha morta, causando-lhe dor e medo. Essa riqueza, à que tudo sacrificara, de nada lhe serviria e iria encher os cofres de parentes afastados, a quem aborrecera toda a vida.

Fora criminoso, cruel, mas o seu castigo tremendo equiparara a falta à expiação!

Algumas horas, mais tarde, toda essa desgraça estava no domínio público, provocando censura, lástima e pesar. A idéia da morte amedronta, o suicídio entristece, acabrunha, dando a perceber uma dor inconsolável, uma desesperança infinita!

E, quando o suicida é uma criatura jovem, formosa, rica, o espírito perde-se em conjecturas, apavora-se, cria misterioso padecer e permanece em dúvidas atrozes!

Esse pai, enlouquecendo, ao deparar com o cadáver da filha, também foi deplorado e ninguém adivinhou que uma falta passada tornara-o algoz dessa menina tão amada, ferindo igualmente o culpado e a inocente!

Um parente afastado tomou conta da casa, providenciando sobre o enterro, enviando Gustavo, temporariamente, para uma casa de saúde, devendo ir depois pra o hospício Pedro II.

Raul saíra e soube do ocorrido; julgou morrer também e chegou à casa, alucinado. Aurélia correu a ampará-lo e receou perdê-lo: sobreveio-lhe uma febre cerebral horrível, prendendo-o em um leito de dores.

Aurélia mandou chamar Zélia, entregou-lhe uma coroa de cravos brancos e flores de laranja atadas com fitas brancas, pedindo-lhe que a colocasse no caixão de Sofia.

A esplêndida residência de Gustavo Alvim estava transformada em capela ardente.

Amigos, conhecidos, curiosos, todos tinham sido atraídos pela pobre criança, que despedaçara a existência, no meio do luxo e da riqueza.

No centro do salão, achava-se uma mesa e sobre ela o caixão, onde descansava a formosa donzela, pálida, tranqüila, livre das agitações e infâmias do mundo. Morrera com o seu segredo, com o seu desespero, ocultando no seio a causa da sua morte, o ponto para onde convergiam a curiosidade e a compaixão da população inteira da Corte.

Zélia descobriu-lhe o rosto, contemplou-a longamente, beijou-lhe a face mimosa e depôs sobre seus pés a coroa simbólica, que Aurélia lhe enviara pelo noivo adorado.

Enxugando as lágrimas, Zélia saiu, murmurando:

- Se tivesses mãe não te matarias!...se eu te conhecesse intimamente, talvez te houvesse salvo! pobre criança!

Na ocasião de descerem o caixão à sepultura, o velho Ambrosio Thomas, forte ainda – apesar de seus sessenta e quatro anos, fez uma tocante alocução sobre essa morte violenta, nota final e discordante de uma palma da mocidade, beleza e sedução.

À noite, os pirilampos passavam sobre a campa solitária, a brisa agitava o cipreste funerário, o orvalho umedecia o nome de Sofia gravado no mármore. Na eternidade, uma sombra, triste, nívea, ocultava o rosto choroso no seio do Senhor!

.....

Aurélia passou quinze dias à cabeceira de Raul, desesperada, julgando vê-lo morrer a cada instante; a mocidade triunfou do pesar e ele salvou-se. Ouvia, com resignação, as consolações da mãe e sujeitou-se ao desejo que ela manifestava, querendo que ele fosse à Europa.

[...] estudaria, atordoar-se-ia e talvez conseguisse atenuar o que havia de acerbo no seu sofrimento. Joaquim Augusto exultou de alegria, quis acompanhá-lo e percorrer ainda uma vez essa Europa, que tanto admirava e transmitir ao filho suas impressões.

Dois meses depois, partiram, deixando Aurélia, triste e saudosa; felizmente, em Salvador achava o bálsamo para todas as dores, o sorriso consolador e o lenitivo para a saudade!

# VIII

Luiz José Mendes morreu de uma moléstia do coração, cercado de desvelos, carinho, abençoando a linda criatura, que havia desposado e legando-lhe sua imensa fortuna.

Renata chorou-o, sinceramente, como um amigo verdadeiro e leal, de quem só recebera afagos e sorrisos: mesmo durante a enfermidade, nunca mostrara-se impaciente, nem aborrecido.

Aos trinta anos, via-se viúva, independente, rica, mas conhecia muito o mundo, sofrera, perdera as melhores ilusões da vida. Mais que nunca ligou-se à baronesa de Avelar aparecendo sempre juntas, amando-se reciprocamente, com profunda ternura...

Um dia, Renata lia, quando [apareceu] alguém que solicitava falar-lhe. Lançando-lhe a vista, empalideceu, mas com voz calma, mandou que o introduzissem no salão.

Era Plínio da Silva, um tanto perturbado, irrepreensivelmente vestido: Renata cumprimentou-o e sentou-se, perguntando-lhe o que desejava.

Visivelmente embaraçado, o moço procurou um tom adocicado e disse:

- Minha senhora! recorda-se ainda que amei-a, perdidamente, adivinhando todas as torturas do seu coração leal, vencido pelo amor, sangrando por ver-se criminoso e isso levou-me a sacrificar-me, afastando-me de si!

O que sofri não se calcula!

Renata corara às primeiras palavras e empalidecera de indignação, compreendendo até onde ele queria chegar, mentindo e envolvendo-se em um manto de martírio: com indizível ironia, disse:

- Naturalmente vem pedir-me me casamento para acalmar os escrúpulos de minha consciência, sancionando assim nossos criminosos amores de outrora?!...Ora, consinta que devasse sua alma e diga-lhe a verdade. O senhor rompeu comigo, porque desejava o dote de Sofia Alvim. A pobre menina pensava bem pouco em si e acabou, de um modo cruel, com a própria existência. Sem dúvida, terá procurado outras moças ricas, porém, sempre em vão. Enviuvei, estou livre e milionária e o Senhor deu-me a honra de lembrar-se de mim! Perdôo-lhe a ousadia, porque não sabe o que faz, desconhecendo completamente o que é dignidade! Se a tivesse, não viria assim propor-me a compra de sua pessoa: é muito insignificante, não vale tanto dinheiro!

E, erguendo-se, altiva, fitou o rosto pálido e desfigurado do moço, acrescentando:

- Cuidado com os impulsos da sua ambição, podem levá-lo muito longe! e, apontando-lhe a porta, deu-lhe as costas.

Louco de despeito e cólera, Plínio saiu, trôpego, cabisbaixo, mordendo os lábios, com frenesi.

Renata, pálida, triste, trêmula, murmurou:

- Que miserável amei eu!...consola-me somente o desprezo que, hoje, inspira-me!

.....

Plínio da Silva era um moço elegante, inteligente, filho de um pobre negociante de fazendas, laborioso, honesto, que o educara o melhor que pode. Depois de alguns anos de estudos, com empenhos e proteção, entrou para uma secretaria e chegara a segundo oficial.

Vira, um dia, Renata e amou-a com violência, sendo correspondido pela infeliz, que tudo lhe concedera, fiada na sua lealdade e afeto. Ambicioso, considerando certos escrúpulos – meros preconceitos, achava naturalíssimo vender a sua agradável e interessante pessoa por alguns contos de réis.

Em sua ligação com Renata satisfazia o amor próprio, mas nada auferia e julgou dever tratar do futuro. Sofia Alvim apareceu-lhe como a encarnação de um famoso Eldorado; resolveu, pois, romper com Renata para ter liberdade de dar caça à fortuna da moça: mas foi caipora[38], porque, pouco depois, a mísera punha termo à existência, não podendo unir-se ao seu adorado Raul.

Em outras tentativas desse gênero foi infeliz e quase odiou as ditosas herdeiras, que conseguiram escapar-lhe.

---

[38] Azar, infelicidade. Derivada da crença no curupira, do qual é variante, e que se dizia trazer má sorte e mesmo causar morte.

Sabendo da viuvez de Renata, inventou uma fábula de abnegação e sacrifício, em bem da tranqüilidade de consciência da ex-amante, mas ela desmentira-o, obrigando-o a retirar-se.

Julgando-se vítima da sorte, Plínio entregou-se a meios poucos lícitos de adquirir fortuna. Tudo lhe servia, desde que trouxesse algum lucro: era verdadeira monomania.

Dois anos depois viu-se à borda de um abismo, surpreendera a confiança [...] depositário de grande quantia, confiada por um seu amigo e correspondente. Ele servira-se dela para umas especulações, sempre com a idéia de aumentar e girar com dinheiro e tudo perdera, comprometendo o pai, arrastando-o à uma catástrofe.

No meio de seu desvario, lembrou-se de Renata, cujos benefícios todos conheciam, elevando até as nuvens a grandeza do seu coração generoso e bom. Fraco, incapaz de suportar a situação, que havia criado, escreveu uma carta à moça, onde exprimia toda a sua miséria.

Ela estremeceu de horror e asco, dizendo ao portador da missiva que Plínio viesse falar-lhe, sem demora. Pouco depois, ele apresentou-se, desfigurado, mal vestido, com precoces rugas em seu rosto abatido e avelhantado.

Renata designou-lhe uma cadeira e disse:

- Eu bem lhe avisei que refreasse os seus instintos!...diga-me, em quanto monta o desfalque, que cometeu?

- Minha senhora, lembrei-me de si por saber quanto é caridosa, mas desejo que me socorra, comprometendo-me eu a pagar-lhe integralmente...

- Cale-se! disse Renata, hei de dar-lhe o que me aprouver e do melhor modo.

Plínio apresentou-lhe as notas, que havia feito, a moça lançou-lhes a vista e encarando-o disse:

- [...] dinheiro, dou-lhe como daria a um irmão desgraçado, mas ouça-me: tenha juízo, conserve-se no seu lugar de oficial de secretaria, guarde para si o que sobrar da quantia, que lhe hei de entregar e porte-se bem. Se persistir no crime, não conte mais comigo: protejo os que se arrependem, mas não contribuo para sustentar vícios! Adeus, até amanhã.

- Mas, minha senhora, eu não mereço tamanha generosidade, creia que reabilitarei, desejando, um dia, provar-lhe quanto sou grato! Exclamou Plínio, caindo de joelhos.

- Levante-se! disse Renata, se deseja dar-me alguma satisfação, regenere-se; então lhe apertarei a mão.

No dia seguinte, o moço, ainda mais acabrunhado, recebeu de Renata, da mulher, cujo coração esmagara, a salvação e a honra, tentando ajoelhar-se de novo: ela impediu-o com o gesto, dizendo:

- Lembre-se do que lhe disse, ontem; regenere-se, se tem empenho em elevar-se a meus olhos, adeus.

Com alma jubilosa, satisfeita consigo mesma, foi ver Zélia e contou-lhe tudo: a baronesa tomou-a nos braços, cobriu-a de lagrimas e beijos, dizendo:

- Então, minha Renata, não é tão bom chegar a este ponto: perdoar, consolar e salvar até àqueles que nos ofenderam?!...como o coração pulsa alegremente, como a alma sente-se leve,

esperançosa e feliz!! Como és bela pelo reflexo do teu sentir grandioso!

- E a quem devo este aperfeiçoamento, santa criatura? A ti, só a ti, espírito admirável e caridoso. Estive também prestes a despenhar-me loucamente no seio da morte, o teu braço amigo e forte salvou-me, murmurando-me palavras de consolo e coragem, dando-me alento e energia, fazendo-me amar na humanidade a dor, a fome e a miséria! Sê abençoada, Zélia adorada! E, abraçando a baronesa, chorou (...) os anjos sorriam, docemente, entoando cânticos suaves.

# IX

Durante três anos, Raul e Joaquim Augusto percorreram a Europa.

O moço não se arrependeu de haver cedido às solicitações de Aurélia; não só a mudança de vida minora-lhe o pesar, como também sentia o espírito completar-se na apreciação judiciosa do que há de grandioso no velho mundo.

A companhia do pai foi-lhe muito salutar, Joaquim conhecia tudo e fazia-o devidamente encarar mil coisas que, sem ele, passar-lhe-iam desapercebidas.

Em Viena, no baile da embaixada francesa, Joaquim Augusto viu-se cara a cara com o conde de Cobentzel, que o abraçou, comovido, pedindo-lhe que o fosse ter à sua residência.

Acompanhado pelo filho dirigiu-se à habitação de Ludovico, verdadeiramente principesca.

Ele passeava no seu gabinete, quando o criado apresentou-lhe a salva com os cartões dos visitantes: seu rosto iluminou-se e, com voz trêmula ordenou que os introduzisse no salão.

Pouco depois, abraçava Joaquim Augusto, o qual disse:

- Eis aqui o meu pequeno Raul, lembra-se: como vê, é hoje um homem!

Ludovico apertou-o longamente ao peito, depois afastou-o um pouco contemplando-o, comovido e murmurando:

- Como se assemelha à Aurélia! os mesmos olhos, o mesmo sorriso triste!...

Joaquim Augusto teve dó daquele coração, onde o tempo não tivera o poder de matar a lembrança! Ludovico prosseguiu, abandonando a mão de Raul:

- [...] é assim?...escolheu um marido digno em todos os sentidos, uma alma igual a sua, cheia de elevação e sentimento! Salvador é um perfeito cavalheiro!...

Deixei no Brasil, um amigo íntimo, Ambrosio Thomas, a quem incumbi de falar sempre dela.

Por ele soube do casamento e da sua inalterável ventura! Desculpe-me a insistência em falar tanto em sua filha!

Joaquim Augusto sentia orgulho em ver quanto esse homem amava Aurélia, lia nessa bela cabeça encanecida e nobre um poema de incurável saudade: comovido respondeu:

- Oh! conde, desculpá-lo...a sua constância lisonjeia meu amor-próprio paterno e creia que senti não ver Aurélia unida a si; aprecio suas qualidades e merecimentos e compreendi que muito a amava!

- Quanto a isso, ninguém a amou mais na vida, disse o conde, com alguma altivez. Raul ouvia a voz grave e melancólica desse homem belo, cercado de uma grandeza real, indiferente a tudo,

vivendo uma recordação, sem esperança de curar-se e sentindo-se talvez feliz em sofrer, tendo a religião do sentimento!

Suspirou: o conde sorria mais desgraçado que ele ou mais feliz?

Ele era moço e, com o tempo, talvez pudesse apagar a imagem de Sofia com outro afeto: o conde amara aos quarenta anos e conservaria eternamente o seu amor, não podendo mudar, tendo amado com a razão, com o desprendimento do mundo inteiro, onde tudo conhecera e fruíra!

Sem dúvida, Ludovico era mais desgraçado, mas também o mais digno. Quanto invejava aquele coração idólatra, cativo, cheio de Aurélia, desprendido da terra!

Sua alma juvenil entusiasmou-se por esse homem, a quem o amor divinizava e sentiu prazer em ser filho da formosa criatura, que fanatizara o distinto diplomata.

Conversaram longamente sobre política, sobre ciências e Ludovico volvia sempre os olhos para Raul, olhando-o profundamente. Depois, ergueu-se, convidando-os a percorrer o seu palácio.

Viram o que pode haver de mais suntuoso e aristocrático, admiraram cópias preciosas dos melhores pintores antigos e tudo quanto o gosto apurado coleciona e conserva.

Estavam na estufa, quando viram aparecer uma linda menina de doze anos; tendo os longos cabelos soltos como um manto de ouro e os olhos negros fitando-os, curiosos.

- É minha filha adotiva, disse Ludovico. Vem cá, Aurélia, [...] quem te falo, tantas vezes.

A menina sorriu e aproximou-se, cortejando-os, com perfeita urbanidade e alguma coisa de senhoril.

Ludovico beijou-lhe a fronte, ela fez profunda reverência aos amigos de seu pai e desapareceu.

Depois que voltei do Brasil, minha irmã deu à luz a esta menina; demiti-me da carreira diplomática, adotei-a, chamei-a Aurélia, tenho-a sempre junto a mim, vivo para ela e desejo torná-la tão encantadora como essa outra, de quem lhe dei o nome! Toca regularmente piano, tem decidida vocação para a música e espero, um dia, ouvi-la tocar Chopin e outros clássicos, consolando-me, acalentando-me as saudades, revivendo os ecos do meu passado e aquecendo a minha velhice, disse o conde, com infinita tristeza.

Penetraram em uma saleta, junto ao quarto de dormir; uma espécie de *buen-retiro*, onde ele meditava e sofria. Na parede havia um grande quadro velado, Ludovico correu-lhe a cortina e os visitantes soltaram alegre exclamação de surpresa.

Era Aurélia, bela em seus trajes negros, de tamanho natural, trabalho de um grande artista. O conde trouxera consigo a fotografia da mulher amada e mandara reproduzi-la a óleo admiravelmente.

- É aqui diante dela, que passo as melhores horas de minha vida, disse ele, contemplando-a, docemente.

Joaquim Augusto e Raul enterneceram-se: o moço tirou a medalha da corrente do relógio e, entregando-a à Ludovico, disse:

- Senhor conde, veja essa miniatura de Aurélia, tirada ultimamente.

O diplomata apoderou-se dela vivamente, chegando-se à janela, para [...] ombros tremeram e um soluço escapou-lhe do peito.

O pai e o filho respeitavam aquela emoção.

Passados alguns momentos, o conde disse, com voz trêmula, dirigindo-se a Raul:

- Deixe-ma! O senhor terá a ventura de vê-la ainda e eu jamais ouvirei o som de sua voz!

Pouco depois, despediam-se de Ludovico e partiram no dia seguinte para a Grécia, depois iriam à Turquia da Europa e fariam, durante dois anos, uma peregrinação à Ásia e à África, visitando todos os lugares célebres, fazendo verdadeiro estudo comparativo sobre os costumes, religiões e política de todos esses países.

Aproveitavam sua grande fortuna, desfrutando tantas maravilhas, ilustrando-se e Raul procurava consolar-se desse golpe cruel, desfechado sobre o seu primeiro amor!

No fundo do seu coração havia sempre a imagem da mísera donzela e, mil vezes, murmurou o seu nome nos *wagons*[39], arrebatado pela velocidade, nos leitos das hospedarias, nos beliches dos vapores, diante de famosos monumentos, atravessando rios e até no cume desse Calvário, onde Jesus redimiu, com seu martírio, a humanidade inteira!

- Sofia – era a palavra, com que exprimia admiração, gozo, alegria e saudade: se vivesse na Idade Média, seria esse o seu grito de comando e vitória.

---

[39] Vagões dos trens, novidade e invenção momentosa na época.

# X

Havia cinco anos que Joaquim Augusto partira com Raul, quando, em uma bela manhã, Aurélia foi buscá-los a bordo. O pai não fazia a mínima diferença, estava forte e corado, como na ocasião da partida e o filho adquirira um todo mais viril e atraente.

Aurélia contemplava-os radiante de alegria e, durante longas horas, conversaram sobre o que tinham visto, relatavam minuciosamente, a visita ao conde de Cobentzel.

Salvador sorriu, um tanto constrangido, sabendo desse culto, votado à mulher: O feliz egoísta ousava ainda ter ciúmes, apesar da distância e da certeza da idolatria de Aurélia.

Ela adivinhou-lhe o padecer, cingiu-lhe a bela fronte com seus braços carinhosos, murmurando:

- Meu adorado Otelo! o que desejas mais?!

Olharam-se ternamente, como doce enlevo e Salvador beijou-lhe repetidas vezes os olhos e a boca.

Nesse mesmo dia, à tarde, quando o sol desabava no ocaso e a fresca viração agitava o cimo das árvores, Raul ajoelhava-se junto à

lousa de Sofia. Uniu as mãos, apoiou-as à grade de mármore e curvou a cabeça meditando, dolorosamente.

Quando as primeiras estrelas luziam no céu, ele tirou do seio um ramilhete seco, composto de jasmins da Itália, clematites da França, sarça do Egito, flores de terebinto e mirra da Palestina e oliveira de Gethsemani:

- Oh! Sofia! em toda parte, a tua lembrança acompanhava-me e pungia-me! murmurou ele.

Deitando, cuidadosamente, o ramilhete sobre a lápida, viu uma coroa de cravos brancos e flores de laranja; sentiu os olhos umedecerem-se e disse:

- Oh! minha mãe, como és boa!

Compreendera a delicada solicitude de Aurélia, que renovava essas flores de seis em seis meses e beijou-a ao voltar à casa, agradecendo-lhe: a formosa criatura apertou-o febrilmente, ao coração.

.....

Leonor, a filha adotiva de Zélia, completara dezoito anos; era encantadora, instruída, meiga, orgulhando e compensando o coração ardente da generosa mulher, que lhe estendera os braços.

A baronesa abrira os seus salões, proporcionando à moça ocasiões de distrair-se e de preparar-se para o casamento, que é o *desiderium*[40] de todas as meninas.

[40] Desejo.

Zélia sentia vagos receios, temia a cobiça de uns e a leviandade de outros. Procurava infundir em Leonor idéias exatas sobre os homens e o mundo, a fim de preservá-la, quanto possível, de escolher mal um eterno companheiro.

A moça tinha bastante critério, alguma altivez e a intuição de que podia aspirar a muito, à vista da sua superioridade e beleza: além de tudo, era apaixonada, voluntária e só se escravizaria ao homem, extremamente amado.

Até então, sorria vagamente aos galanteios, que lhe dirigiam comentando depois todas essas blandícias[41], junto a Zélia, fitando-lhe o olhar límpido, sereno, onde se espalhava sua alma inocente.

A baronesa exultava de prazer, vendo-lhe a placidez do espírito, o dormitar do coração, onde o sopro devastador do amor ainda não havia passado, a frescura das faces, virgens de vigília, o nacarado dos lábios, que sabiam unicamente sorrir e beijar.

Era linda: a encarnação de radiante esperança, de fervorosa paixão, de soberana beleza!

Quando passeavam juntas ofereciam perfeito contraste, se bem que se harmonizassem. Eram igualmente altas, bem feitas, porém, à alvura de Zélia, à melancolia adorável do seu semblante, à doçura do seu olhar, à sua palidez mate, Leonor opunha um amorenado de jambo rosado, uma altivez senhoril, um olhar profundo, incisivo, às vezes, fosforescente e um sorriso alegre de criança.

Zélia recebia às quintas feiras; tocavam, dançavam, e cantavam, passando a noite agradavelmente. Na primeira quinta feira, depois

[41] Gesto ou palavra de carinho ou ternura.

da chegada de Raul, Aurélia disse-lhe que iria, como sempre, à casa de Zélia e ele prometeu-lhe apresentar-se mais tarde.

Quando chegou à porta do salão, já havia muita gente; Salvador preludiava ao piano, uma elegante criatura aproximou-se-lhe, colocou uma música na estante e profundo silêncio reinou em torno.

Raul via-a de costas, admirava-lhe o porte, a nuca, um tanto forte, onde agitavam-se alguns anéis rebeldes de um cabelo negro, com reflexos azulados.

Depois de curta e plangente introdução, ouviu uma voz grave, cheia, cantar, com sentimento, o *Vorrei morir*[42].

Estremeceu profundamente: era o eco fiel da voz adorada de Sofia: julgou sonhar e apoiou-se ao umbral da porta, contendo a respiração, enlevado, sofrendo, preso a dolorosa lembrança do passado.

Ouvindo a última nota, ergueu a fronte e olhou para a cantora: suas pernas tremeram, empalideceu. Era o mesmo sorriso, a mesma soberania, a mesma irradiação! E agora, falando, agradecendo os cumprimentos, ainda assemelhava-se à Sofia.

Depois de falar a diversos conhecidos, dirigiu-se à baronesa, que se ausentara da sala e não o vira entrar: ela recebeu-o, carinhosamente, tomou-o pela mão e, aproximando-se de Leonor, disse:

---

[42] Lied de Francesco Paolo tosti (1846-1916). Em 2003 esta canção foi gravada por Andrea Bocelli e pode ser comprada em cd da Decca ou em MP3.

- Apresento-te o dr. Raul de Sá, que, naturalmente, não te conhece pela menina que deixou! é Leonor, minha filha, não se recorda?

Os dois jovens cruzaram o olhar, Raul já estava perturbadíssimo e ela sentiu o coração parar-lhe no peito.

O moço deu o braço à Zélia e conversou longo tempo com ela, sobre sua viagem.

Tocaram uma valsa e Zélia compreendeu que o prendera demasiado junto a si, privando-o de dançar.

- Por que não valsa? Inquiriu ela.

Raul ergueu-se, cortejou-a e dirigiu-se à Leonor, um tanto séria, convidando-a para dançar: Ela sorriu e seguiu-o, valsando docemente.

Aspirando o perfume que exalava a formosa criatura, Raul empalideceu e cerrou as pálpebras; ela deixava-se levar, sem força, sem vontade, com o peito opresso.

Ao adormecer, muito tarde, quando a luz do dia infiltrava-se pelas gelosias do seu quarto, soltou profundo suspiro de resignação enleio: amava, enfim, com todos os ímpetos de sua alma ardente e virgem.

Raul fumou charutos sobre charutos, nervoso, febril, indignado consigo mesmo, cheio de remorso, maldizendo o seu coração fraco, vil, incapaz de sepultar-se na recordação de um amor perdido!

No dia seguinte, à tarde, pediu à Aurélia que o acompanhasse ao piano; olhando para a música, ela sorriu, imperceptivelmente: era o *Vorrei morir***!** Raul cantou com muita expressão.

# XI

Havia dois anos que Gustavo Alvim descansava no túmulo, pouco distante da sua malfadada filha: morrera, sem ter tido um só momento de lucidez e assim sofreu menos.

Durante seis meses, Raul lutou energicamente para não entregar-se ao novo afeto, que lhe enchia o coração.

Quando a tentação sufocava-o, corria à sepultura de Sofia e procurava, com a evocação da adorável menina, esquecer Leonor, mas a viva suplantara, mansamente, a morta.

Um dia ajoelhando junto à lousa, sentiu que estava irremediavelmente preso à Leonor; ergueu-se, espavorido, dizendo:

- Oh! Sofia! minha irmã, perdoa-me! seria sacrilégio conservar-me aqui; pensando nela! e saiu quase a correr.

Estava tudo acabado! era a primeira vez que lhe dava o nome de irmã, fazendo-a passar à outra ordem de afeto!

Freqüentou, desde então, a casa de Zélia e deixou-se arrastar pela paixão, enlevado com a beleza, com o espírito e graça da moça. Cantavam, encontravam-se muitas vezes e a baronesa afagava a esperança de vê-los unidos para sempre.

Raul teve a intuição de que ela o amava também e, uma noite, depois de algumas voltas de valsa, disse-lhe, com voz suavíssima:

- Leonor, confiaria seu destino a [mim]?

Ela olhou-o profundamente, com seus olhos cintilantes, soabriu os lábios em sorriso inefável e estendeu-lhe a mão fina e macia.

Ele beijou-a, empalidecendo e murmurou:

- Quanto sou feliz!

Sentaram-se a um canto, fizeram sua mútua confissão, relatando a história desse sentimento, que os enchera de prazer, receios e duvidas.

No dia seguinte, Raul participou à Aurélia a sua resolução em casar e, dessa vez, teve a ventura de vê-la sorrir e beijá-lo, chorando de alegria. Salvador abraçou-o, Joaquim Augusto, para demonstrar o seu contentamento quis ir em pessoa pedir a mão de Leonor à Zélia.

Pouco depois, apeava-se à porta da baronesa de Avelar: Vendo realizar-se o seu ardente desejo, Zélia abraçou o pai de Raul, chamando a menina. Ela apareceu, risonha e, ouvindo as amáveis palavras de Joaquim Augusto, estendeu-lhe a fronte dizendo:

- Quer-me, então, para filha: ama-lo-ei muito!

O velho apertou-a ao coração, Zélia cobriu-a de lágrimas e beijos: o casamento fixou-se para daí a três meses.

Aurélia, ao abraçar a baronesa de Avelar, disse:

- O que é este mundo! lembra-te, Zélia, de tudo quanto Sabina atribuía-me?...mal sabia a pobre que um dia, a filha unir-se-ia ao que de mais caro tenho na vida!...

...Como agradeço à Providência, por haver impelido um para o outro esses dois entes, a quem tanto amamos, querida amiga!

.....

Chegou enfim o dia tão desejado: o sol brilhava, o céu estava de incomparável pureza, a temperatura fresca e a natureza em verdadeira gala.

À tarde, teve lugar a cerimônia religiosa e, à noite, os salões iluminados ofereciam um aspecto deslumbrante. Houve um concerto primoroso, onde figuraram os melhores artistas da companhia lírica e depois começou o baile.

A concorrência era numerosa e escolhida: o corpo diplomático, todo o ministério, senadores, deputados e representantes da imprensa.

Salvador tocou com mestria, como sempre, conservando o auditório em êxtase, preso à magia de seus dedos afilados.

Vendo dançar Ambrosio Thomas pediu uma quadrilha à Aurélia, que sorriu, dizendo:

- Então, hoje, a reserva também põe-se em atividade?

Ambrosio ensaiou uma mesura, que seus joelhos reumáticos recusaram-se a fazer, replicando:

- Que eu diga isso, ao peso dos meus sessenta e nove janeiros, está bem, mas V. Exa.!

E ele tinha razão: Aurélia, apesar de seus quarenta e cinco anos, era adorável, capaz de inspirar loucuras, bela como outrora. Apenas suas formas se haviam arredondado um pouco, conservando, porém a flexibilidade e o encanto da primeira mocidade.

Zélia, a pálida magnólia, deixava admirar suas egrégias e ebúrneas espáduas, emergindo das rendas pretas do seu vestido de cetim. Vendo Leonor pronta em seus trajes nupciais, ela abrira um estojo, tirara o tríplice colar de pérolas, legado por Sabina e, aproximando-se da moça, disse:

- Beija-o, preza-o e conserva-o; deve ser-te sagrado, cara filha.

Leonor obedecera, curvando-se um pouco para que lho pendesse ao pescoço e partira, então, para a igreja.

O jovem casal moraria com Zélia, não poderia suportar o isolamento, nem separar-se da menina, que a consolara, fazendo-lhe conhecer a doçura da maternidade.

Renata dançava, ao som de uma linda valsa de Strauss, com distinto diplomata francês, que lhe fazia assídua corte, perdendo o tempo e suas belas palavras. A ideal criatura só tinha coração para os que padeciam, sorrindo, como esfinge, aos galanteios e aos suspiros lancinantes de seus adoradores.

Esses homens empertigados, risonhos, atentos aos seus gestos e olhares, cobiçando a sua beleza e o seu dinheiro, prontos a atribuírem-lhe todas as infâmias, desde que o despeito e o interesse

os ferissem, causavam-lhe asco, nada lhe mereciam e deixava-os desfilar, como um bando truanesco[43].

Plínio da Silva cumpria a sua promessa, regenerara-se e ai achava-se também: Renata concedera-lhe a suprema recompensa de apertar-lhe a mão.

Olhava-o friamente, sem que em seu coração, uma só fibra intercedesse por ele: o desprezo matara até a lembrança desse amor, que lhe enchera a vida! Dera tudo quanto tinha na alma e teve a fortuna de tudo poder retomar, voltando à primitiva tranqüilidade, desiludida, premunida para sempre!

Ao despedir-se de Aurélia, Raul aproveitou o acharem-se a sós e ajoelhou-se-lhe aos pés, sorrindo, beijando-lhe as mãos.

- Sê abençoado, filho adorado! [...]

Entrando em seu *boudoir*, encontrou Salvador, que a esperava, belo, pálido, com a formosa cabeça um tanto pendida, olhando-a com amor.

- És feliz? vês realizado o teu sonho, a ventura de nosso filho! E, dize-me, achas-te, compensada de teus martírios passados, tornei--te a vida suave, contenta-te o meu amor, Aurélia? perguntou ele, cingindo-a ao peito, procurando ler nos meigos olhos, que o fitavam.

- Oh! meu caro Salvador! Todas as dores, todos os tormentos esqueci, ao calor de teus beijos, na tua doce convivência, no íntimo gozo de ser por ti amada!...Sinto, apenas não ser jovem pra viver

[43] Pessoas que divertem as outras; palhaços; saltimbancos.

mais tempo a teu lado, amando-te, contemplando-te, podendo dizer – *immer, immer*!

Ele sorriu-lhe amorosamente, beijando-lhe o colo admirável, compreendendo que ela era a síntese de tudo quanto havia admirado em sua existência e murmurou:

- Como és bela! como te amo! e, tomando-a nos braços desapareceu, com o seu precioso fardo.

Eles haviam conseguido realizar na terra esse sonho rosado, essa miragem enganadora, que afaga os noivos, na véspera do casamento, abandonando-os, no dia seguinte, para iludir a outros, até a consumação dos séculos.

FIM

Délia

Gazeta da Tarde

05/11/1883 e 07/12/1883

Diagramado em 2009 por Simone Chacham
com a fonte Palatino Linotype